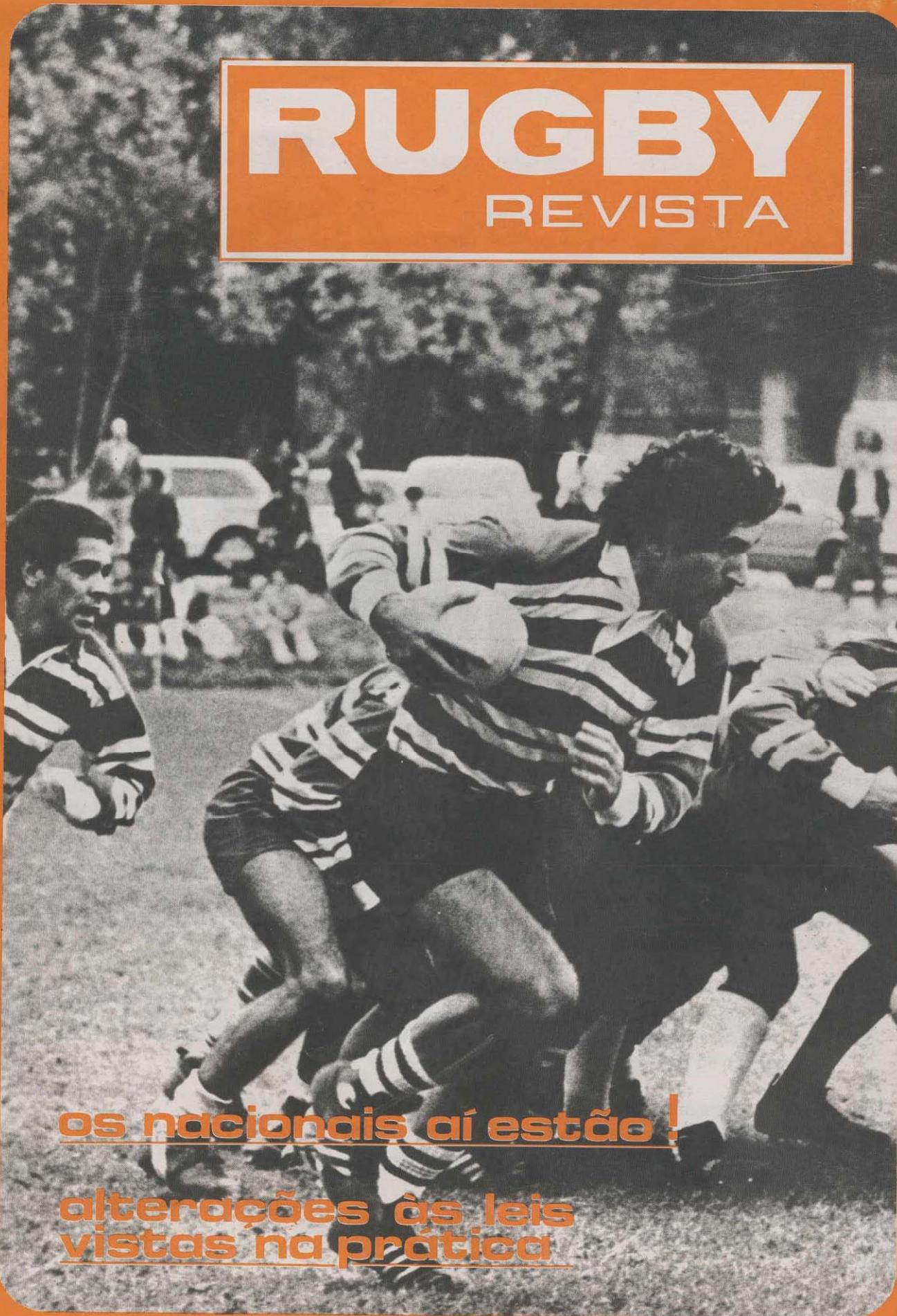


# RUGBY

REVISTA



os nacionais aí estão!

alterações às leis  
vistas na prática

# Fortelast<sup>®</sup> 7



## A LIGADURA ELÁSTICA

**Leve**

**Resistente**

**Recuperável**



JABA - J. A. Baptista d'Almeida, Lda.

À VENDA NAS FARMÁCIAS

# um diálogo necessário

Este é já o décimo número de «Rugby-Revista». Para muitos, chegarmos onde chegámos constitui uma surpresa, habituados como estão a que neste país tudo fique a meio.

Estamos perfeitamente conscientes das inúmeras insuficiências desta publicação que, no entanto, cremos, de número para número tem vindo a melhorar. Ainda não atingimos o ponto que pretendemos, mas com a ajuda dos leitores, das pessoas que em Portugal gostam e se interessam verdadeiramente pelo Rugby, lá poderemos chegar.

Já aqui o referimos e voltamos hoje a fazê-lo: «Rugby-Revista», para continuar, tem que se manter «modesta».

A ninguém, repete-se, maior do que a nós próprios satisfaria fazer uma revista de outro tipo, com muita cor e com um aspecto gráfico a nível do que se faz no estrangeiro, e mesmo por cá, com publicações de outro tipo. No entanto, pensar que tal é possível em Portugal, neste momento, com uma revista com as características desta, revela uma falta de conhecimentos e um irrealismo totais. Para que possamos (bem ou mal) desempenhar o papel que vimos desempenhando, desde Outubro de 1980, temos de continuar assim. Apesar disso, não passa pela cabeça da grande maioria das pessoas o esforço financeiro, as dores de cabeça que dá pôr na rua, todos os meses, «Rugby-Revista».

Devemos ainda assinalar, com certa mágoa, a falta de apoio que temos sentido por parte dos «homens do rugby».

Criticar é extremamente fácil e, salvo raras e honrosas excepções, apesar da venda normal que a revista tem tido — indicador lógico de que as pessoas a compram e lêem — a indiferença (até de quem se deveria manifestar de outra forma) tem sido a palavra de ordem.

Pretendemos uma maior colaboração dos leitores. A crítica, sim, mas construtiva. Estamos abertos a sugestões. Pretendemos um diálogo (que não tem havido) franco e aberto com os leitores.



O «nacional» de 81/82 aí está! O Técnico, logicamente, é favorito à revalidação de um título brilhantemente conquistado na temporada passada. Na foto da capa, o «capitão» Raul Martins parece apontar o caminho a seguir pela sua equipa.

## sumário

<b>Alterações às Leis vistas na prática</b> Peter Hughes fala-nos da sua experiência .....	5
<b>Belenenses e Benfica «ficaram»</b> Breve comentário à «liguilla» .....	7
<b>Direito venceu Torneio de Abertura</b> A «rodagem» foi principal objectivo .....	8
<b>Seleccção vai iniciar trabalhos</b> Os meses de Fevereiro e Março serão intensos .....	11
<b>II Divisão: 25 equipas em prova</b> Duas Zonas e sete séries de um campeonato .....	12
<b>RFU Coaching Award visto por um português</b> João Paulo Bessa conta como foi .....	13
<b>I Divisão: candidatos há muitos...</b> O 24.º «nacional» já começou e promete .....	18
<b>Os passes do médio-de- formação em questão</b> Carwyn James escreve sobre um tema palpitante .....	20
<b>Comentários soltos...</b> Pinto de Magalhães comenta o artigo de C. James .....	21
<b>Os melhores do ano</b> Em Dezembro, os resultados .....	23
<b>Jogar a...</b> O Abertura é a posição tratada .....	25
<b>Lei da Vantagem: Fazer do «apito» uma arte</b> Peter Hughes disserta sobre a «vantagem» .....	29
<b>As secções habituais</b>	
Por cá .....	15
Federação .....	17
De pequenino .....	24
Lá fora .....	32

## ficha

**Director:** João Fragoso Mendes. **Consultores**  
**Técnicos:** Pedro Sousa Ribeiro (Londres) e Vasco Pinto de Magalhães — Cabral Fernandes (Coimbra).  
**Fotografia:** António Santos, José Maurício e João Queiró (Coimbra), Foto-Rugby. **Direcção Administrativa:** João Manuel de Oliveira. **Colaboradores:** António Aguilar, António Catarino (Porto), Delfim Barreira, Don Rutherford, Duarte Leal, Eduardo Santos Costa (Coimbra), Ian Gibson, João Bagulho (Elvas), João Paulo Bessa, Joaquim Vasconcelos,

José Paixão, José Nicolau, José Redondo (Lousã), Manuel Cabral, Mike Williams, Pedro Lynce, Peter Hughes, P. J. Colston, Raul Martins, Ron Tennick.  
**Propriedade:** J. F. Mendes. **Redacção e Administração:** Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq. 1000 LISBOA.  
**Composição:** TEXTYPE — Artes Gráficas Lda. — Trav.ª Água-da-Flor, 30 Lisboa. **Impressão:** Empresa Industrial de Fotolitografia, Lda. — Rua Saraiva de Carvalho, 207-C, Lisboa. **Distribuição:** Rugby-Revista. Edição mensal.

# As alterações às leis vistas na prática

PETER HUGHES

As alterações às Leis, esta temporada introduzidas, vigoram já há algumas semanas e isso permite reflectir sobre elas, de um ponto de vista prático e não só de uma perspectiva puramente teórica. As reflexões que se seguem são baseadas nos jogos que vi e arbitrei e ainda tendo em conta as questões levantadas no curso para árbitros, treinadores e avaliadores de árbitros («adjudicators»), do Grupo Norte (Inglaterra) realizado em Otley.

LEI 3 — Em jogos disputados por jovens menores de 16 anos, um jogador que esteja sujeito a forte pressão física pelo seu adversário, beneficiará em ser substituído. Se tal não acontecesse poderia ocorrer uma lesão e certamente esse jovem não voltaria a pensar em jogar rugby.

Com jovens mais evoluídos o árbitro terá de aplicar estritamente as Leis do Jogo, e as seis substituições permitidas só poderão ser feitas por lesão.

LEI 4 — A Federação Inglesa de Rugby (RFU) emitiu uma directiva informando que a base do sétimo pitão da bola pode ser coberta por um pitão falso, com não mais de 7 mm (os normais podem ter 18mm). Esta directiva tem como objectivo que as botas com sete bases possam ser utilizadas, até se esgotarem as actualmente existentes.

Têm sido sugeridos vários métodos para encher essas bases, desde couro e cola forte, massa de vidraceiro ou mesmo pastilha elástica. O que é importante é eliminar todas as arestas salientes à volta das bases que possam provocar cortes e rasgões. Com um pouco de trabalho manual o dono das botas com um pitão na ponta pode torná-las legais e, assim, evitar a compra de novo par.

LEI 18 — Nos primeiros jogos da época que vi, os jogadores, quando na situação de bloqueados, têm feito um esforço consciente para largar a bola imediatamente, tal como se ela fosse uma batata quente. Isto causa, por vezes que a bola fique solta e que, se não aparecer rapidamente o apoio dos seus companheiros de equipa, um adversário a poderá apanhar e fugir com ela. Este adversário está invariavelmente do lado da equipa do jogador bloqueado e nestas situações haverá certamente gritos de «fora-de-jogo». Contudo, como esta é uma situação de jogo aberto, tal procedimento é perfeitamente legal.

A ânsia dos jogadores em largar a bola imediatamente, logo que bloqueados, pode, por vezes, resultar na projecção da bola para a frente (em direcção à linha-de-bola-morta do adversário). Os árbitros têm, portanto, que aparecer fisicamente melhor preparados para estarem sempre colocados numa posição que lhes permita observar a placagem e para se assegurarem que situações de toque-para-frente não ocorrem.

Um jogador bloqueado não tem opção. Tem de largar a bola, sem a jogar de qualquer outro modo. Não pode, portanto, conservá-la em seu poder ou passá-la. Apesar disso os jogadores dotados de uma boa técnica individual conseguirão deixar a bola jogável para a sua própria equipa, passando-a ou largando-a antes de serem atirados para o chão por um adversário. Qualquer outra acção, que não seja largar a bola, após a blocagem é, portanto, ilegal.

Haverá, evidentemente, algumas ocasiões em que o jogador ao fazer uma placagem cai sobre o seu adversário portador da bola, quando o atira ao solo. A posição do seu corpo bloqueia completamente a bola tornando impossível que seja largada pelo jogador que a segura. Neste caso o árbitro deve apitar imediatamente para uma formação, pertencendo a introdução à equipa do jogador placado.

Na generalidade, pensa-se que raramente será necessário a um árbitro aplicar a alteração à Lei que estabelece que é ilegal arrancar a bola da posse de um jogador bloqueado, ou tentar apanhar a bola antes que o jogador bloqueado a largue. A acção cabe ao jogador bloqueado que deverá largar a bola imediatamente. Se não o fizer deve ser penalizado antes que se inicie uma luta pela posse da bola.

Apesar das alterações à Lei da Blocagem, não se modificou a situação de um ensaio ser concedido quando um jogador, portador da bola, a transportar para a área-de-validação adversária e primeiro faz um toque-de-meta, mesmo que a bola tenha tocado o solo antes da linha-de-meta. O ensaio deverá ser concedido se a situação anterior acontecer por acção do «momentum» do jogador. O ponto crucial é que não tenha havido qualquer segundo movimento. Se isto suceder o ensaio, então, não deverá ser concedido.

A definição de blocagem especifica que se o portador da bola não estiver mais apoiado nos seus pés, considera-se que foi atirado ao chão. Foi sugerido por alguns «sabichões» que por esta razão um jogador num alinhamento que apanhe a bola enquanto estiver no ar e fôr agarrado pelo(s) seu(s) adversário(s) estaria em situação de bloqueado e deveria, portanto largar a bola imediatamente sem a passar. Contudo nunca foi intenção da International Board penalizar o bom jogo nos alinhamentos e, portanto, o jogador que apanha a bola com as duas mãos pode continuar a jogá-la, mesmo que tenha sido agarrado no ar pelos seus adversários (1).

LEI 19 — O jogador bloqueado só tem uma opção, mas aquele que esteja deitado no chão com a bola ou perto dela, mas não bloqueado, segundo esta Lei, tem quatro opções — pode passar a bola, largá-la, rolar no chão afastando-se dela ou levantar-se até ficar apoiado nos dois pés.

Isto significa que um jogador que tenha sido atirado ao chão, mas não esteja na situação de bloqueado, mesmo junto à linha-de-meta adversária, não pode rastejar para lá desta linha, numa tentativa de marcar ensaio. Se o pretender fazer terá primeiro que se levantar, ficando apoiado nos dois pés. Do mesmo modo, um jogador sentado no chão, mas não agarrado, junto à linha-de-meta do adversário, não pode rodar e marcar um ensaio.

A nova nota a esta Lei estabelece que um jogador apoiado num ou nos dois joelhos considera-se estar deitado no chão. Isto pode aplicar-se a um jogador que esteja tentan-



«O jogador que apanha a bola com as duas mãos (na touche) pode continuar a jogá-la, mesmo agarrado».

do arrebatar a bola de um «maul». Se, enquanto ele estiver apoiado sobre um ou dois joelhos, ele ficar na posse da bola, deverá imediatamente seguir uma das quatro opções da Lei 19. Não pode mais permanecer estático com a bola de modo a «fixar» o jogo.

Para que seja possível eliminar os empilhamentos é também importante lembrar que é ilegal aos jogadores de qualquer equipa atirarem-se intencionalmente sobre um jogador que esteja no chão com a bola ou sobre jogadores deitados no chão com a bola entre eles. Isto estava já em vigor na época passada — portanto mantenham-se de pé, rapazes!

LEI 20 — Parece haver menos derrocadas da formação do lado da introdução, mas não necessariamente do lado oposto à introdução. Deve ser salientado que as posições dos braços dos pilares se aplicam a ambos os lados da formação. Frequentes idas ao lado oposto à introdução — e mesmo colocar-se lá eventualmente — enquanto a formação tenha lugar, permitirá ao árbitro verificar se a ligação dos jogadores está correcta desse lado.

Há uma tendência para alguns pilares direitos iniciarem a formação com o braço direito na posição prescrita na última directiva — por fora do antebraço esquerdo do pilar esquerdo seu adversário — e então, enquanto a formação tem lugar, passar a mão para baixo, exercendo uma força, para baixo. Isto é ilegal, já que a ligação correcta deve ser mantida durante toda a duração da formação.

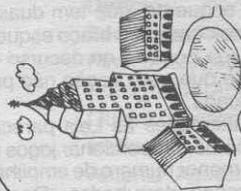
Os árbitros devem tomar atenção a que a posição da mão do pilar direito não interfira com o sinal do talonador adversário. Há espaço suficiente para que ambos os jogadores possam seguir as prescrições da Lei sem interferir um com o outro.

O pilar esquerdo, que tem duas alternativas para colocar o seu braço esquerdo, pode mudar a sua posição no decurso da formação, desde que essa acção não provoque a sua derrocada.

Estas alterações às Leis parecem, reconhecidamente, proporcionar jogos mais rápidos, com menor número de empilhamentos e de formações derrubadas. Resta esperar que a atenção dos jogadores e a vigilância dos árbitros continue, de modo a que se possa dizer o mesmo no final da época. Talvez que muitos pilares direitos veteranos não concordem!

# Um novo Conceito de Vida em Lisboa

## ENCOSTA DAS OLAIAS



**Imagine...**  
Imagine que, em plena Lisboa, já é possível que V. admire a casa com que sempre sonhou. Aquela que fará o seu orgulho e a felicidade da sua família. A tal que será o testemunho vivo do seu bom gosto, junto dos seus amigos.

**Imagine...**  
Imagine que, em plena Lisboa, lhe vai ser dada a oportunidade de viver a seu modo, ao seu estilo pessoal, num ambiente social e cultural diferente, ao sabor do melhor gosto europeu.

**Imagine...**  
Imagine que, no centro de Lisboa, nasceu um Parque que se chama ENCOSTA DAS OLAIAS.

**O que é a ENCOSTA DAS OLAIAS?**  
A ENCOSTA DAS OLAIAS será em breve a mais moderna e requintada zona habitacional de Lisboa. Numa das modernas zonas de expansão da cidade. No prolongamento da Av. João XXI. A dois passos do Arreiro. Mesmo por detrás da Fonte Luminosa. A ENCOSTA DAS OLAIAS vai oferecer todas as comodidades de um viver cosmopolita. O empreendimento concilia magistralmente as zonas residenciais com as zonas comerciais e de escritórios. E as crianças não foram esquecidas: na ENCOSTA DAS OLAIAS elas crescerão sabendo o que são árvores. O que são espaços verdes. O que são áreas de diversão. Em suma: o que é a alegria suprema de viver em contacto com a natureza.

Como será a vida na ENCOSTA DAS OLAIAS?

Na ENCOSTA DAS OLAIAS serão construídos 1300 fogos. Pode escolher entre 2, 3, 4, 5 e 6 assoalhadas. Ou, se preferir, um andar duplex, com uma estupeada vista sobre a cidade ou rio. Você decidirá o que mais lhe convier.

Os moradores da ENCOSTA DAS OLAIAS vão poder fazer as suas compras num moderníssimo Centro Comercial: uma rua coberta com galerias comerciais, num total de 150 lojas.

O que a ENCOSTA DAS OLAIAS oferece é único em Lisboa. Integrados em ampla zona verde haverá um clube com piscinas, court de ténis, pavilhão desportivo polivalente, salas de squash, saunas, tudo de acordo com o seu estilo de vida. Tera, ainda, Aparthotel, cinemas, restaurantes, snack-bars, "pubs". A sua família vai achar formidável poder "convidá-lo" para um jantar fora e depois levá-lo ao cinema: tudo ali ao lado. Eles vão gostar. E você também.

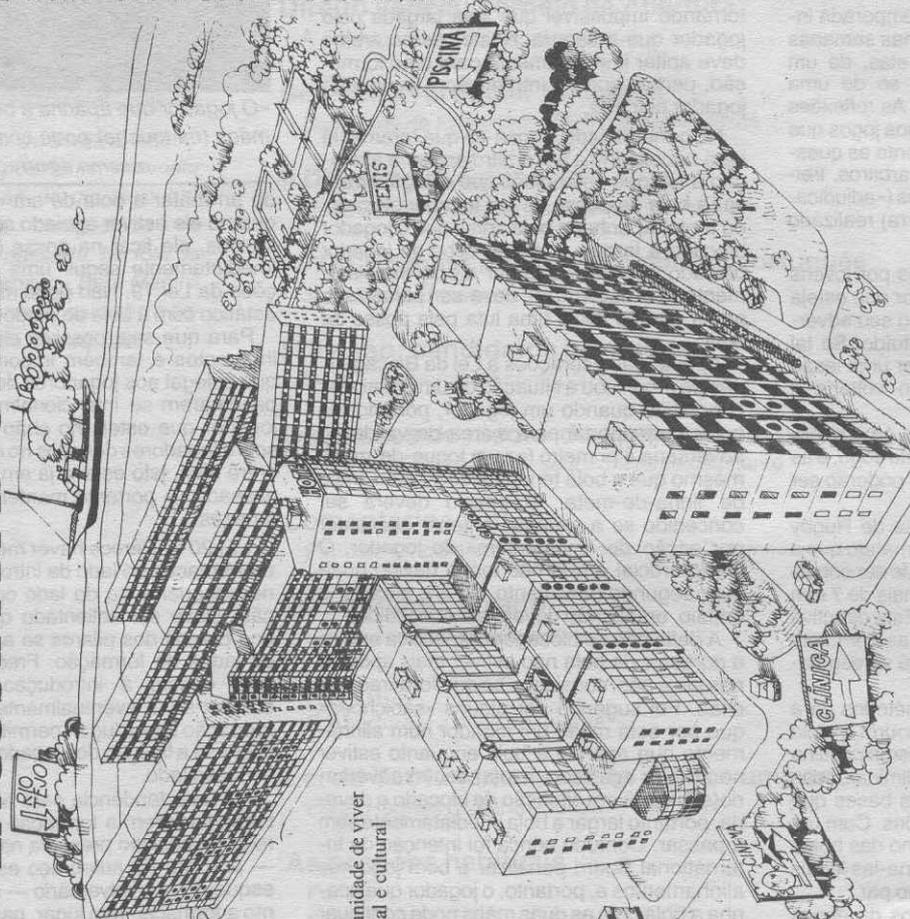
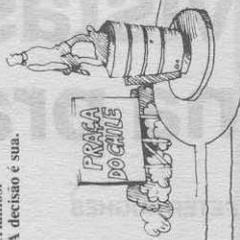


**É bom Viver em Lisboa**

Dissemos-lhe o que vai ser a Encosta das Orlas. Mostramos como a mais fértil imaginação é facilmente ultrapassada pela realidade. Convidámo-lo a fazer parte do pequeno número daqueles que terão o privilégio de viver na Encosta das Orlas. O Convite é nosso.

Pense nas vantagens de viver dentro de Lisboa. Ao melhor estilo europeu. A dois passos de tudo. Com grandes facilidades de acesso e transportes urbanos à porta, a toda a hora. Sabemos o que é prestígio e para quem o criamos. A decisão é sua.

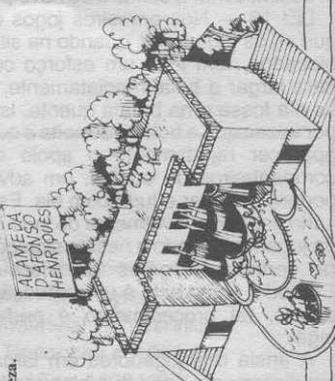
LATINA



**Empreendimento Urbanístico**

**FERNANDO MARTINS, LDA.**

SEDE: Rua Alves Redol, 19-1.º Dt.º 1000 LISBOA - TEL. 77 05 58  
VENDAS: Rua Aquiles Machado, 4B 1900 LISBOA - TEL. 80 21 74





António Santos

Os jovens médios do benfica — na foto, Queimado em acção — foram, pode dizer-se, duas grandes revelações, a nível senior, neste início de temporada.

## Belenenses e Benfica garantiram permanência

O Belenenses e o Benfica, ao classificarem-se em primeiro e segundo, respectivamente, no Torneio de Competência, garantiram a sua permanência na I Divisão. No final, portanto, confirmou-se o que se vaticinava antes do início da prova.

Mas, principalmente os «encarnados», para conquistarem o seu lugar no campeonato maior do nosso Rugby passaram um mau bocado. Com efeito, o Cascais — campeão nacional da II Divisão — ao bater o Benfica na penúltima jornada «complicou» o que se apresentava mais ou menos como certo.

O «quinze» da Luz, que já antes havia perdido frente ao Belenenses, registou assim segunda derrota e, à partida para a derradeira jornada, apresentava-se com o mesmo número de pontos da equipa da Costa do Estoril. Uma «escorregadela» em Coimbra, frente ao Rugby Clube — e se o Cascais vencesse, entretanto, o Belenenses no seu terreno — significaria a descida para o mais antigo clube português em actividade. Mas a «escorregadela» não aconteceu (e o Belenenses até foi ganhar a Cascais), permitindo aos bentiquistas o segundo lugar na «liguilla» e a permanência consequente.

De salientar a prova equilibrada do Belenenses — o triunfo na Luz no primeiro dia deu-lhe certa confiança e a «embalagem» para, pelo menos, garantir um dos dois lugares em disputa; o «nervosismo» do Benfica e falta de confiança nas suas possibilidades; o bom comportamento do Cascais, a revelar subida, aproximando-se do nível «primodivisionário»; e a decepção



António Santos

As linhas atrasadas do Belenenses, no primeiro encontro da «liguilla», «ganharam» o jogo. Na foto o formação «azul» serve os seus três quartos.

nante prova realizada pelo RC Coimbra, de início apontado como podendo «complicar a vida» aos dois mais favoritos.

O nível do rugby desenvolvido nesta primeira competição «a doer» da época não foi brilhante, deve acrescentar-se. A espaços, nalguns dos jogos (Belenenses - Benfica, Benfica - RC Coimbra, Benfica - Belenenses e Cascais - Belenenses, fundamentalmente) viram-se algumas «coisas» interessantes mas, de uma forma geral, este torneio situou-se em plano modesto.

Uma referência ainda para o facto de a prova ter decorrido regida pelas leis antigas. Já aqui se escreveu sobre essa estranha decisão, mas não podemos deixar de voltar ao assunto, em primeiro lugar porque nada justifica que tal tenha acontecido, nem mesmo o facto de se tratar de uma prova que se «prendia» ainda com a temporada anterior. Se em tal se baseou a decisão, então não poderiam ter actuado jogadores que em 80-81 jogaram noutras equipas. E isso aconteceu.

## Resultados

### 1.ª JORNADA

Cascais, 13 - RC Coimbra, 12  
Belenenses, 10 - Benfica, 3

### 2.ª JORNADA

RC Coimbra, 14 - Belenenses, 34  
Benfica, 42 - Cascais, 9

### 3.ª JORNADA

Benfica, 58 - RC Coimbra, 0  
Belenenses, 16 - Cascais, 9

### 4.ª JORNADA

RC Coimbra, 9 - Cascais, 23  
Benfica, 24 - Belenenses, 16

### 5.ª JORNADA

Belenenses, V - RC Coimbra, FC  
Cascais, 19 - Benfica, 14

### 6.ª JORNADA

RC Coimbra, 0 - Benfica, 38  
Cascais, 6 - Belenenses, 10

## Classificação

	V	D	M-S	P
Belenenses	5	1	86-56	16
Benfica	4	2	179-54	14
Cascais	3	3	79-103	12
RC Coimbra a)	—	6	35-166	5

a) Tem uma falta de comparência

Por outro lado, os quatro «quinze» participantes acabarão por ser prejudicados com a decisão. No que diz respeito ao Belenenses e ao Benfica, principalmente, nos primeiros jogos do «nacional» (enquanto as outras equipas se vão apresentar

mais ou menos «dentro» das alterações, já rotinadas) vindos de uma prova regida pelas leis antigas sofrerão, por certo, bastantes faltas. E os pontapés consequentes, em grande parte dos casos custam pontos... ●



Foto-Rugby

O Belenenses não conseguiu na segunda volta, repetir a exibição e o resultado realizados na Luz no primeiro jogo do Torneio de Competência.

# Direito venceu Torneio de Abertura

O Direito venceu o Torneio de Abertura, primeira prova oficial da época de 1981/82 que, assinala-se, não decorreu da melhor maneira.

Na realidade, as digressões efectuadas pelo CDUP e pelo Técnico a Inglaterra «colidiram» com o torneio, provocando que alguns jogos se não tivessem realizado.

Desta forma, em termos competitivos, a prova acabou por se decidir somente entre três dos seis participantes — Direito, CDUL, e Académica, que se classificaram por esta ordem.

A FPR decidiu, após a conclusão da competição, desqualificar as equipas do Técnico, CDUP e Agronomia, considerando como faltas de comparência a não disputa dos encontros CDUP - Agronomia, CDUP - Técnico e Técnico - CDUL. Apesar dos restantes jogos se terem efectuado, para a classificação final somente contaram os disputados entre os não faltosos.

Mas se a prova, no que se refere à competição, teve um interesse relativo, já no que diz respeito à rodagem — talvez o seu principal objectivo — terá correspondido ao que dela se esperava.



João Queiroz

O Técnico, antes da partida para Inglaterra, jogou e perdeu em Coimbra, frente à Académica, por 19-15.



António Santos

Megre, em bom estilo, vai ultrapassar a defesa adversária e criar perigo para a área da Académica

## Resultados

### 1.ª JORNADA

Académica 19 - Técnico 15  
Direito 19 - CDUL 3  
CDUP - Agronomia

### 2.ª JORNADA

Técnico 13 - Direito 12  
Agronomia 9 - Académica 35  
CDUL 31 - CDUP 6

### 3.ª JORNADA

CDUP - Técnico  
Direito 15 - Académica 10  
Agronomia 9 - CDUL 9

### 4.ª JORNADA

Técnico - CDUL

Académica 46 - CDUP 3  
Direito 22 - Agronomia 4

### 5.ª JORNADA

Agronomia 10 - Técnico 0  
CDUL 20 - Académica 8  
CDUP 7 - Direito 12

### Classificação

	V	D	M-S	P
Direito	2	—	34-13	6
CDUL	1	1	23-27	4
Académica	—	2	18-35	2
Agronomia a)	—	—	—	—
CDUP a)	—	—	—	—
Técnico b)	—	—	—	—

- a) Desqualificado por ter dado uma falta de comparência  
b) Desqualificado por ter dado duas faltas de comparência

Com efeito, o «Abertura» foi aproveitado pelas equipas para as mais diversas experiências, servindo de excelente preparação para o «nacional».

De resto, ao longo das várias jornadas notou-se de forma bastante nítida a subida dos «quinzes» em presença. O Direito, por exemplo, surgiu em bom plano, com um «pack» avançado a jogar bastante bem nos «ruck» e «maul» e com umas linhas atrasadas que se revelaram bastante perigosas. Uma maior agressividade poderá dar a esta equipa fortes possibilidades no «nacional».

O CDUL e a Académica, por seu turno, menos certos que os «advogados», subiram de jogo para jogo. Mais os lisboetas que a formação de Coimbra, mas de qualquer forma, em termos de rotação, a prova pareceu que lhes terá sido útil, o mesmo

se podendo dizer em relação à Agronomia e ao CDUP, estes num nível talvez inferior.

O Técnico esteve em plano aceitável frente ao Direito e abaixo das suas possibilidades nos outros dois encontros que disputou — Académica e Agronomia.

Acrescente-se que, a nível regional, organizado pelo Comité de Lisboa, se disputou um torneio em que tomaram parte as equipas que militam na II Divisão e as de «reservas».

O objectivo que presidiu à realização da prova foi semelhante ao do Torneio de Abertura. Participaram, divididas por duas séries, as equipas seguintes: Belas, S. Miguel, Económicas, Técnico B, CDUL B, Pumas, Direito B, Cangurus, Barreiro, Estrela da Amadora e Benfica B.

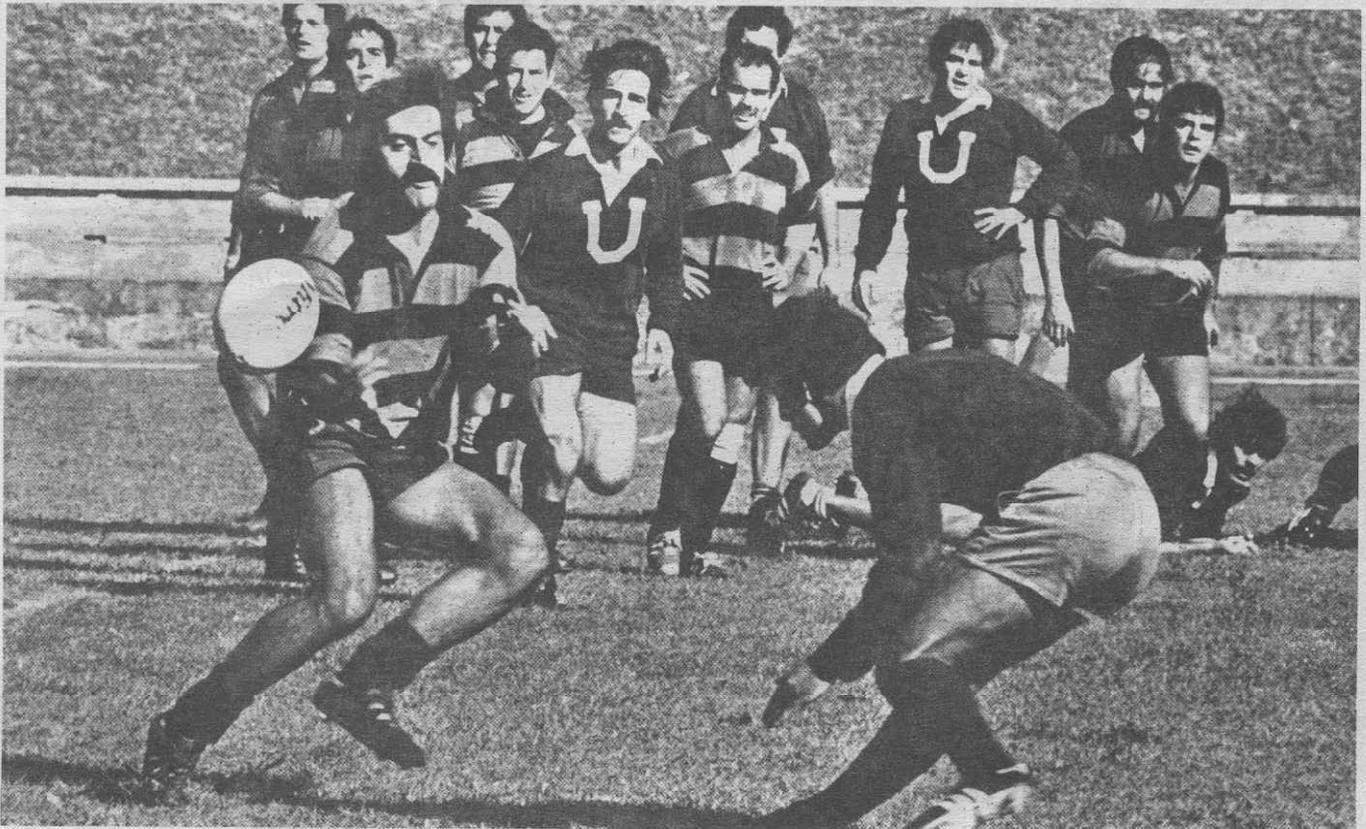
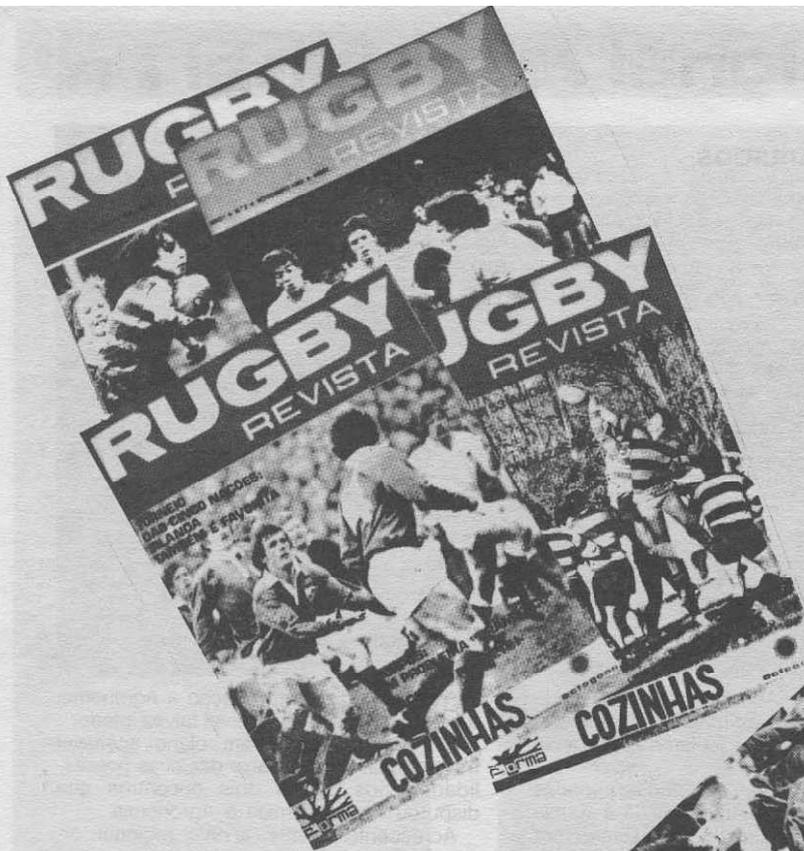
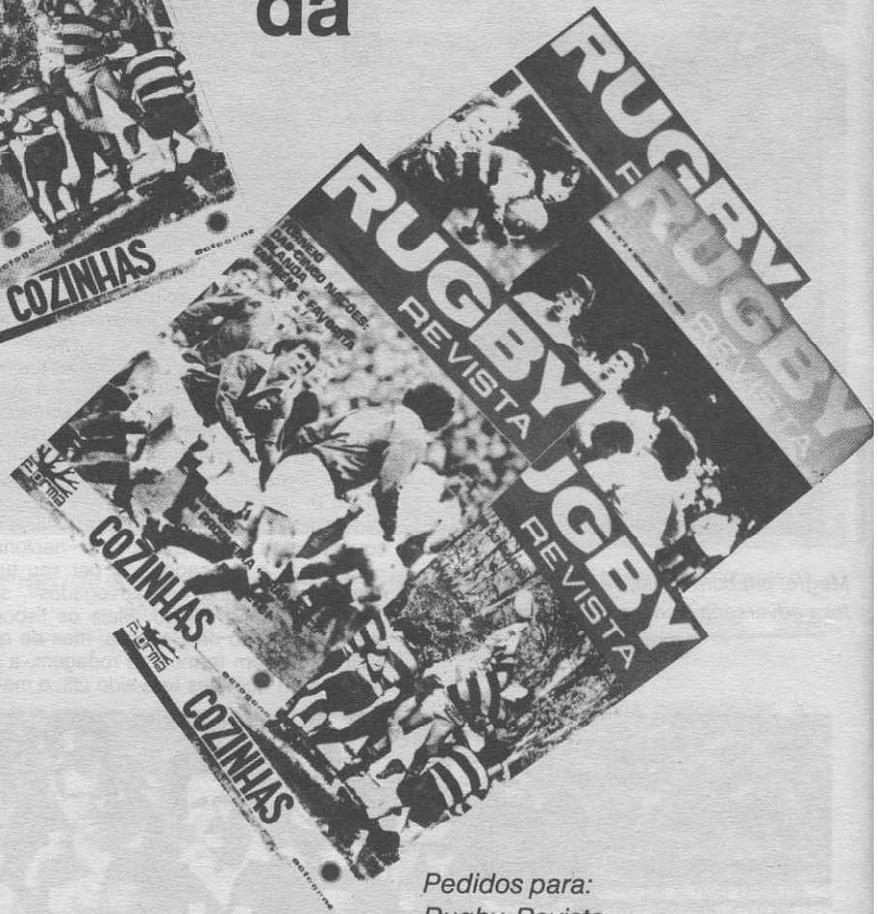


Foto-Rugby

Fase do Direito-CDUL, da primeira jornada do Torneio de Abertura, que os «advogados» venceram por 19-3, com Caetano Nunes em evidência.



# Receba os números atrasados da



Você, certamente porque estava menos atento, «perdeu» os números anteriores de «Rugby — Revista» e com certeza está interessado em possuir a colecção completa.

Para tal só tem que nos escrever e juntar (claro!) a importância respectiva (cheque ou vale postal). Depois, receberá as revistas que lhe faltam, pelo Correio, sem mais problemas, como sucede com os nossos assinantes. E, a propósito, porque é que não aproveita a ocasião e assina RUGBY — REVISTA?

Pedidos para:  
Rugby-Revista  
Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq.  
1000 LISBOA

## RUGBY REVISTA

o número **11**  
é posto à venda  
no dia

### 19 DEZEMBRO

nos seguintes locais

LISBOA — Estádio Universitário /  
/ Havaneza das Avenidas (Av. Duque  
Ávila, 32) / Livraria Apolo Av. Júlio Di-  
nis, 10-A) / Tab. Drugstore Apolo 70  
(Av. Júlio Dinis, 10-A) / Paco (Praça de  
Londres) / Lacónia (Praça do Areeiro) /  
/ Barata (Av. de Roma, 11-A) / Café  
VáVá (Av. Estados Unidos da América)  
/ Costa e Segurado — Centro Comerc-  
ial Alvalade (Praça de Alvalade) / Café  
Monte Carlo (Av. Fontes Pereira de Me-  
lo, 49) / Mazi — Centro Comercial Ima-  
viz (Av. Fontes Pereira de Melo) /

/ Singular — Edifício Europeia (Av.  
Fontes Pereira de Melo) / Livraria o Sé-  
culo (Rossio, 23) / Lusitânia (Rossio,  
108) / Continental (Rua Augusta, 57) /  
/ Galerias Ritz (Rua Castilho, 77-E) /  
Livraria Castil — Edifício Castil (Rua  
Castilho) / Garagem Monumental (Av.  
Álvares Cabral, 33) / Compasso (Rua  
Saraiva de Carvalho, 268-C) / Despor-  
tista (Av. Róvisco Pais, 14).

COMITÉS REGIONAIS e nos outros  
locais habituais.

# Seleção: trabalho intenso em Março e Abril

Testes físicos, a realizar no dia 1 de Dezembro, no Centro de Medicina Desportiva de Lisboa, assinalarão o início dos trabalhos da seleção nacional de seniores, com vista à campanha internacional de 1981-82.

Como se sabe Portugal, vencedor do Grupo C em 80-81, irá participar, esta temporada, no Grupo B do Campeonato da FIRA, prova em que terá como adversários o Marrocos, a Espanha, a Tunísia, a Holanda e a Polónia (a partir do número de Dezembro, «Rugby-Revista» debruçar-se-á, com algum pormenor, sobre o torneio e os adversários da seleção portuguesa).

Regressando ao plano de preparação da equipa nacional, deve adiantar-se que os testes previstos para 1 de Dezembro destinam-se aos primeiros 40 convocados.

Depois, em Janeiro, nos dias 2 e 3, realizar-se-ão treinos no Estádio Nacional, altura em que uma seleção defrontará a equipa universitária da Escócia, que nesse período nos visitará (26-12 a 4-1).

Março será, no entanto, o mês «forte» da preparação. Com o campeonato já terminado, a seleção cumprirá o programa seguinte: 1 e 2 — avaliação médica (CMD) e banhos e massagens; 5, 6 e 7 — estágio, que decorrerá, possivelmente, no Algarve, na Aldeia das Açoteias; 10 e 11 — treinos no EUL; 13 — treino no Estádio Nacional; 14 — jogo com a equipa inglesa do Camberley, no EN; 15 — banhos e massagens; 16 e 18 — treinos no EUL; 19 e 20 — estádio, possivelmente, em Tróia; 21 — jogo Portugal - Marrocos, no EUL; 26 e 27 — estágio em Sesimbra, Costa da Caparica ou Cascais; 28 — jogo Portugal - Espanha, no EUL; 29 — banhos e massagens; 30 e 31 — treinos no EUL.



Foto-Rugby

Os adversários esta época têm muito mais «peso». A Espanha — na foto, no jogo com a Itália do Grupo A da época passada — e a Polónia, principalmente, são equipas de grande poder.

Em Abril, os trabalhos prosseguirão, praticamente sem interrupção: 2, 5 e 7 — treinos no EUL; 8 e 9 — estágio em Sesimbra, Costa da Caparica ou Cascais; 10 — jogo Portugal - Tunísia, no EUL; 12 — banhos e massagens; 15 — treino no EUL; 17 e 18 — treinos no EN; 19 — banhos e massagens; 20 e 22 — treinos no EUL- 23 — partida para a Holanda; 25 — jogo Holanda - Portugal, em Hilversum; 26 — partida para a Polónia; 28 — jogo Polónia - Portugal, em Varsóvia.

Dois meses, portanto, de preparação intensa que muitos contestarão mas que, tendo em vista as dificuldades que se irão

deparar, em termos competitivos, à seleção nacional, se justificam.

Assinale-se, ainda, a possibilidade, que a FPR e os responsáveis da equipa encaram, de chamar aos trabalhos de preparação jogadores «emigrados». A questão está ainda em estudo, tudo dependendo dos encargos que tal implicará, das disponibilidades desses jogadores e do seu interesse. Para já, existem indicações bastante positivas sobre dois elementos que militam em clubes da I Divisão francesa. Um abertura que joga no Orleans, Miguel Nunes; e um pilar que representa a Seccion Palloise (de Pau) Monteiro.



Foto-Rugby

«Pêras doces» como a Dinamarca — a foto refere-se ao jogo de Copenhague disputado em Maio de 81 — não surgirão, em princípio, a Portugal, no Grupo B.

# Vinte e cinco equipas disputam a II Divisão

Paralelamente com o da I Divisão, iniciou-se com esta edição de «R-R» já «fechada» — também o «nacional» secundário, prova que se prolongará até meados de Março.

Inicialmente, o campeonato da II Divisão decorrerá em «poule», com os 25 participantes divididos por cinco séries. Posteriormente, os 16 melhores classificados ficarão apurados para a fase final, a disputar a eliminar, a duas «mãos». A Final da prova está marcada para o fim-de-semana correspondente a 13-14 de Março de 1982.

O Cascais, actual detentor do título, muito logicamente, apresenta-se como grande candidato ao triunfo final — a sua recente participação na «liguilla», onde rubricou actuação de nível muito superior à média da nossa II Divisão permite que assim o consideremos. O RC Coimbra e S. Miguel, por seu turno, deverão constituir os seus mais directos competidores, isto não contando com algumas equipas «BB» e, também, os «quinze» de Económicas e da Académica de Santa Luzia.

De salientar as estreias em provas oficiais do Arcos de Valdevez, Campo de Besteiros e UR Almada.

Os 25 participantes na prova (oito de «reservas» e 17 «de II Divisão») foram divididos em duas zonas: a Norte-Centro e a Sul.

Na primeira ficaram agrupados o Campo



Dois equipas que «estão» no «nacional» secundário: Económicas e Técnico B. A foto refere-se ao jogo que disputaram para o Torneio de Abertura Regional.

Jose Maurício

de Besteiros, RC Coimbra, RC Lousã e CDUP B (que disputam a Série A) e a Académica B, Moitense (Anadia) e Arcos de Valdevez (Série B).

Na Zona Sul, os restantes 18 foram agrupados em séries de seis. Assim, na «A» ficaram, por sorteio, Louletano, Direito B, Barreiro, CDUL B, S. Miguel e Belas; na «B», o Benfica B, os Pumas, Económicas, CDUE, Cangurus e Belenenses B; na Série C, finalmente, jogarão Técnico B, Cascais, UR Almada, Agronomia B, Santa Luzia (Elvas) e Estrela da Amadora.

## «NACIONAL» DE JUNIORES COMEÇOU A 17 DE OUTUBRO

Entretanto, e no que se refere ao «nacional» de juniores, decorre desde 17 de Outubro a respectiva Fase Regional, que se prolongará até ao fim-de-semana correspondente a 12 e 13 de Dezembro.

A partir de Janeiro iniciar-se-á a fase final, com os melhores classificados da primeira parte da prova divididos por duas séries, de seis equipas cada.

Na fase que decorre participam 17 equipas, divididas por três zonas: Norte-Centro, Lisboa e Sul.

Na primeira jogam CDUP, Arcos de Valdevez, RC Lousã, Académica e RC Figueira da Foz.

Na de Lisboa, os nove concorrentes foram divididos por duas séries: «A» — Direito, Cascais, CDUL, S. Miguel e Belenenses; «B» — Agronomia, Cangurus, Técnico e Benfica.

Finalmente, na Zona Sul participam três equipas: Santa Luzia, CDUE e UR Almada.

De salientar a inclusão do Direito, CDUL e S. Miguel (grandes candidatos ao triunfo final) no mesmo grupo de apuramento, tornando a série «A» de Lisboa extremamente forte em relação às restantes — Cascais e Belenenses constituem, ainda, tradicionalmente, «quinze» também com pretensões.

Espera-se que haja bom senso quando da determinação do número de equipas a «passar», em cada grupo, à fase final da prova, o que acontecerá em reunião marcada para 2 de Dezembro.



António Santos

Fase do jogo CDUL-S. Miguel, da série A da zona de Lisboa, do «nacional» de juniores, que os cdulistas venceram

# RFU Coaching Award: uma semana de «avaliação contínua»

JOÃO PAULO BESSA

O Coaching Award da RFU é um curso de avaliação e corresponde ao último nível a que qualquer treinador inglês se pode candidatar, desde que cumpridas certas formalidades. A partir daí, para atingir os graus de Senior Coach ou Staff Coach, o sistema funciona por convites dos órgãos da RFU.

O Coaching Award onde estive, teve lugar no Lilleshall National Sports Center, uma antiga propriedade da aristocracia rural — espécie de Casa de Mateus transformada em centro de desportos — com um bellissimo jardim de estilo francês e numerosos hectares de relva transformáveis nos mais diferentes campos para a prática do desporto. A envolvê-los, bosques recheados de árvores de todas as espécies, numa rica paleta de tons verde. Junto à residência inicial novos edifícios em tijolo, de traça contemporânea, onde estão localizados os ginásios, as salas de conferências, o auditório e um enorme «pub» para além dos quartos (duplos e individuais).

O curso tem início ainda antes da sua data oficial. Através de uma carta, cada um dos candidatos é informado que tem de escrever, um ensaio de 500 a mil palavras sobre cada um de dois temas dados. A mim tocou-me «Invente uma campanha de recrutamento para novos jogadores de todas as idades explicando o que é que o clube pode oferecer» e «Nós não vamos utilizar o ruck até...»

No primeiro tema expliquei, através da introdução e de uma maneira sumária, a situação do Rugby em Portugal e as campanhas feitas para recrutar novos jogadores para o rugby em geral e não para qualquer clube específico ... ainda não estamos nessa fase — ou melhor, já não estamos lá, neste círculo a que corresponde o crescimento em Portugal. Mas como o tema não era esse, desenvolvi nos outros pontos uma possível campanha a efectuar em Portugal se fosse necessário recrutar novos jogadores para um clube determinado — campanha que, neste momento, dificilmente poderia existir porque a maior parte dos clubes não tem estruturas suficientes para fazer mais do que aquilo que fazem. Nesses pontos era feita uma análise sobre o porquê da escolha de um clube por um jogador e, a partir daí, explicavam-se quais os pontos a ser explorados para que a campanha pudesse vir a ter êxito — não esquecendo sequer, o papel das mulheres e a sua contribuição, que considero fundamental, para a vida dos clubes.

Em relação ao segundo tema comecei por dizer que «Nós não vamos utilizar o ruck até ... que uma equipa portuguesa tenha de



Foto-Rugby

O aquecimento era dado, todas as manhãs, pelas bailarinas do Imperial College of Teachers of Dance. Em cinco minutos ficava tudo a suar.

jogar ao nível internacional», defendendo que ao rugby português, pelo perfil morfológico dos nossos jogadores, interessa utilizar, sempre que tem de se defrontar com equipas estrangeiras, o ruck em vez do Maul. Mas como as potencialidades do ruck não acabam na sua utilização por jogadores pequenos e leves, os pontos seguintes generalizavam as vantagens do ruck que deveria ser utilizado quando o movimento fosse parado, numa sequência de quando? porquê? e como? para acabar na lista dos pontos essenciais para uma boa realização do ruck.

## PRELEÇÃO SÓ COM «CÁBULA»

No dia da chegada a Lillishall e depois da

distribuição dos quartos, houve a primeira troca de impressões e de informações com o «Staff» o curso: Jeff Cooke, Ted Wood, Iun Beveridge e Tony Russ. De imediato fomos avisados que, no dia seguinte, teríamos de realizar a primeira das duas preleções de que constavam as avaliações. Os temas seriam dados no dia seguinte de manhã, durante as sessões de treino no campo, sessões que serviam também ao processo de avaliação. Para a primeira preleção saiu-me «O papel defensivo dos avançados em todas as fases do jogo». Para a segunda preleção, que se realizou dois dias depois e com o mesmo tempo de preparação — que de facto correspondia ao intervalo do almoço e ao fim da tarde antes do jantar — tive que me haver



octogono

MOBILIÁRIO  
COZINHAS

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927

com «Colocação das linhas atrasadas em todas as fases do jogo». Bons temas para serem expostos no período limitado de dez minutos ... ainda por cima em inglês!

Eu era o segundo do meu grupo e como tinha sido dito (ou eu assim percebi) que só era autorizado levar um papel com notas, assim fiz. Anotei numa folha — o conceito de defesa não depende da posse da bola: está-se em defesa quando se recua no terreno; regras gerais de defesa: avançar, estar entre a bola e a linha de meta, pressão, cobertura e profundidade; defesa em volta da formação, do linhamento, do ruck e mau; linhas de corrida em defesa.

Comecei a falar (em inglês, claro) e, servindo-me do quadro, lá me fui fazendo compreender. Felizmente comecei por uma pincelada geral sobre todos os pontos pois, quando tinha acabado de pormenorizar a defesa à volta da formação ouvi a voz de Jeff Cooke anunciar — sem que nada deixasse transparecer da aceitação ou não da minha exposição — «Thank you, John. Your time is finish». Assistindo às outras preleções dos restantes companheiros sobre outros temas pude, com grande surpresa, verificar que todos eles traziam tudo escrito e se limitaram a ler o papel. Duas coisas me apercebi de imediato: uma, que a arte de falar dez minutos sem nada dizer não é apenas uma prática nossa; outra, que na próxima, eu traria tudo escrito se quisesse fazer entrar a banda e os confetis.

Escrevi em inglês tudo o que sabia sobre a colocação dos três-quartos em defesa e ataque, desde a defesa «homem-a-homem», defesa à zona ou fluante, defesa em «cunha», até à colocação de ataque australiana, francesa e japonesa. Depois analisei cada uma das formas de defesa e de ataque para a formação, o alinhamento, o ruck e mau, penalidades jogadas à mão, penalidades aos postes e contra-ataque. Quando acabei de ler os papéis, Ted Wood, avisou-me: «Só passaram sete minutos. Se quiser pode continuar mas, por mim, não necessito de mais nada.» Pessoalmente também não necessitava, aquilo que tinha para dizer a mais não cabia sequer nos dez minutos ...

Para além destas duas preleções ainda havia mais dois exames escritos. Um sobre «Condição Física, Ressuscitação e Questões do Jogo» outro sobre «Leis do Jogo e Arte de Arbitrar». Em qualquer destes exames tínhamos uma hora e meia para responder a uma série de perguntas, algumas das quais bem pouco usuais no meio do rugby português. Como já tinha estudado o Fitness Training for Rugby, não tive problemas de maior e, quanto às Leis do Jogo, tinha-as andado a ler em inglês nos intervalos ...

## GANHAR BOLAS À FRANÇA...

Como exame teórico ainda havia o «VIVA» que não é mais do que um exame oral. Numa sala, cada um dos candidatos é, durante vinte a trinta minutos, interrogado isoladamente pelos quatro componentes do Staff. Aí podem surgir todos os tipos de perguntas, desde o pormenor mais insignificante até a perguntas de escolhas táticas ou processos de treino específicos. Lembro-me que, no meio de uma série de perguntas, o Tony Russ me perguntou: «Portugal vai no sábado jogar contra a França. Como jogava nos alinhamentos?», respondi-lhe que tentaria vari-



Foto-Rugby

Muito pouco «dançarinos», os juniores ingleses, cheios de «graciosidade», procuram acertar o passo.

ar ao máximo os alinhamentos, expliquei quais as variações que me pareciam mais adequadas, mas não deixei de comentar que mesmo assim as hipóteses eram pouco mais do que nulas porque «quando os nossos jogadores comessem a pensar na variação, já os franceses sabiam a resposta». Estão, realmente, a ver-nos a ganhar bolas ao Imbernon, Revallier e Joinel?...

Para além destes exames havia ainda dois exames práticos, um sobre questões relacionadas com a técnica e tática das unidades — em que seriam cobaias os potenciais juniores (under 19) de Inglaterra para esta época — e outro sobre destrezas posicionais em que nos treinaríamos uns aos outros. Em relação ao primeiro aspecto tive que treinar os juniores ingleses no «peel-off» por trás, com oposição.

Comecei por testar a ligação entre o lançador e o N.º 8 — que não era nada famosa — e depois de algumas correcções, preocupei-me com o desvio da bola, com especial atenção à forma do contacto bola-mão. Isto foi realizado apenas com o lançador, o saltador e um jogador na frente do saltador, para lhe dar a noção do espaço disponível para salto. A fase seguinte correspondeu ao teste da coordenação entre o saltador e o receptor — que era o terceiro jogador a contar da frente do alinhamento. A partir daqui defeni o que queria que se passasse a seguir: ir ao ensaio! ou, no caso de serem parados — ruck! Já com todos os avançados, a preocupação passou a residir na linha de corrida do receptor, no apoio a tempo, no primeiro passe que seria para «dentro» do terreno e na continuidade do movimento. Chegado aqui, era altura de introduzir a oposição — oito avançados, dois médios e um centro. Na primeira vez que o «peel» foi feito, o movimento foi imediatamente parado. Chamei-lhes a atenção para o facto de que não estavam a ser suficientemente agressivos, porque o movimento tinha sido correctamente feito, no tempo exacto e apenas era necessário corrigir a linha de corrida. Com um «Yes, Coah!» voltaram para os lugares e recomeçaram ... haviam de ver a «faísca» que deu. A situação tornou-se, realmente, de jogo.

Sobre a destreza individual o tema era: «Em nada menos de 15 vezes um evidente 2x1 foi desperdiçado, por que o portador da bola passou-a cedo ou tarde demais. Invente práticas simples para impedir que isso volte a suceder». Quando Jeff Cooke me anunciou o tema estranhei o «15 vezes». Perguntou-me porquê e respondi-lhe que esse jogador só tinha como hipótese a passagem para a se-

gunda equipa. Respondeu-me que seria também o que faria e pediu-me para pensar em apenas três ou quatro vezes...

Comecei por testar a capacidade do passe através de um exercício simples, parado, mas em que o jogador é obrigado a passar rápido — diga-se de passagem que o companheiro de curso que fazia de cobaias era bem capaz de conseguir as quinze vezes... Depois desse exercício passei para uma grelha de 10x10 metros numa situação de 2x1 evoluindo de oposição passiva para oposição activa colocada em diferentes zonas do quadrado. Finalmente, colocando quatro jogadores em diferentes posições do quadrado e tendo-lhes atribuído diferentes números, ia chamando um ou outro obrigando assim o «culpado» a, antes de passar a bola, ter que analisar a situação com que se confrontava.

Para terminar o curso, e depois de termos já feito uma análise ao célebre jogo entre o Northern Division e os All Blacks e ao Inglaterra-Escócia, restava-me analisar e escolher dois dos seis pontos dos potenciais internacionais juniores, durante dois jogos que efectuaram. Elaborei uma lista de pontos importantes: jogo à mão, velocidade, placagem, pontapé/captação, poder/agressividade, linhas de corrida, cobertura/apoio, colocação, procura de trabalho, bola jogável, 1x1, 2x1, 2x1 em defesa, capacidade de finta. Fui marcando riscos pelas qualidades e bolas pelos defeitos. No fim do jogo o retrato era razoável e escolhi dois que comuniqui ao «Staff». Criada a selecção dos candidatos, tivemos uma reunião para confrontar a nossa escolha com a dos seleccionadores dos juniores.

## TAMBÉM «HOUVE» BAILARINAS

Claro que o curso não foi só rugby, havia tempos livres que se passavam no «pub» conversando com ... as bailarinas do Imperial College of Teachers of Dance que estavam em Lillehal a fazer o seu exame para professoras. Raparigas (ex-Teen-agers) simpáticas que também se davam ao trabalho de, todos os dias, «dar» o aquecimento para os juniores e voluntários do Award. E garanto-vos que ao fim de cinco minutos tudo suava a bom suor ... mas isso são histórias para uma próxima vez.

Acabado o curso, foi o fazer de malas, a troca de direcções ... e o esperar mês e meio pela certeza de que, dos 70 pontos máximos, se tinha obtido, pelos menos, 40 confirmados com a chegada do Diploma.

## Eleições na FPR: apenas uma lista candidata

Apenas uma lista se apresentará a sufrágio, no próximo dia 15 de Dezembro, para os corpos gerentes da FPR (biénio 82-83). Basicamente constituída pelas mesmas individualidades que geriram o Rugby português nos últimos dois anos, foi proposta pelo CDUL e Belenenses.

Encabeçada pelo eng.º António Trindade (que, assim, irá cumprir terceiro mandato consecutivo) tem como vice-presidentes os drs. João Ataíde e Vítor Gonçalves e como tesoureiro Albano Rodrigues. Os vogais candidatos são: Marcelino Nunes, João Puga, João Viçoso, Midões Pires, dr. João Roxo e Cecília Alves. Como suplente figura Francisco Rocha Santos.

No que diz respeito à Assembleia Delegada, a lista candidata é constituída da forma seguinte: dr. Rui Fernandes, major Joaquim Evóneo Vasconcelos, dr. José Alberto Diogo, Avelino Rosado, eng.º Albino Cartaxo Alves e José Bebianio Roque.

## Constituída Equipa Técnica Nacional

A Equipa Técnica Nacional para a época em curso está já constituída. Em relação à da temporada passada não se registaram grandes alterações. Somente se verificou a saída, a seu pedido, do professor Cabral Fernandes, responsável pelos Juvenis.

O Director Técnico Nacional, professor Duarte Leal encabeça naturalmente a ETN que integra o eng.º Pedro Lynce de Faria, o arquitecto João Paulo Bessa, os professores Olgário Borges, José Cordovil e Francisco Mesquita, bem como Silva e Cunha.

Sectorialmente, isto é, para cada um dos escalões etários, as respectivas selecções nacionais serão orientadas como segue:

Seniores — Pedro Lynce, João Paulo Bessa (adjunto) e José Cordovil (preparador físico);

Juniões — João Paulo Bessa e Olgário Borges, com a colaboração de Cabral Fernandes (zona Centro) e João Bagulho (Elvas);

Juvenis — José Cordovil, com a colaboração de José Nicolau e João Melo (Lisboa), António Coelho (zona Centro), Carlos Soares (Elvas) e Amador Barreira (Setúbal);

Iniciados — Francisco Mesquita, com a colaboração de Fernando Pinho (zona Centro), Cristóvão (Lisboa) e Miguel Arménio (Elvas);

Esperanças (sub-23) — Silva e Cunha.

A ligação para todas as categorias do Comité Norte é de responsabilidade de Júlio Faria.

## CRRC oficialmente legalizado

O Comité Regional de Rugby de Coimbra foi oficialmente legalizado na Conservatória Notarial de Miranda do Corvo.

Aquele Comité garante o apoio técnico e material aos clubes e núcleos que se dedicam à modalidade, servindo ao mesmo tempo de elo de ligação com a Federação

portuguesa.

Ainda com a designação de Comité Regional de Rugby Norte-Centro, foi o primeiro a surgir no seio da modalidade em Portugal e é também a primeira associação regional a adquirir personalidade jurídica.

Ligados desde longa data à história do Rugby, através do Comité ou dos seus clubes (Académica, RC Coimbra, RC Lousã e Moitense) os seus elementos directivos são: prof. Cabral Fernandes, Santos Costa, dr. Carlos Ferrer, Gil Gonçalves e José Manuel Brinca (presidente da Direcção); Amândio Figueiredo, prof. Fernando Maia e José Redondo (presidente da Assembleia Geral); José Cordeiro, dr. Jorge Silva e eng.º Manuel da Costa (presidente do Conselho Fiscal).

## Técnico vence em Inglaterra

Três vitórias e outras tantas derrotas constituem o balanço da digressão efectuada pelo Técnico em Inglaterra.

Os campeões nacionais nesta sua segunda deslocação à Grã-Bretanha (23 de Outubro a 1 de Novembro) registaram, pode dizer-se desde já, excelente comportamento, rubricando exhibições de bom nível, nomeadamente a produzida frente ao Clifton, jogo em que, apesar da derrota, o «quinze» português brilhou de forma «cintilante», impressionando vivamente, isto não obstante o encontro se ter desenrolado sob chuva.

A equipa principal começou por bater os Whitney Buccaneers, por 18-16, venceu de seguida o Imperial College, por 25-15, perdeu depois com o Clifton (clube se bem que não dos principais ingleses de nível superior a qualquer equipa portuguesa) por 16-0, e terminou com nova derrota, no último dia, frente ao Henley, formação «acessível» a quem foram dadas muitas facilidades, por 11-6.

O «quinze» secundário, entretanto, disputou dois jogos: ganhou, primeiro aos Sevenoaks Pirates, por 23-8, e perdeu, depois com a Bristol University por 18-3.

## CDUP: digressão positiva

A digressão que o CDUP efectuou, de 6 a 13 de Outubro, a Inglaterra, decorreu de forma bastante agradável, sobre todos os aspectos. Dos três jogos realizados, os universitários portugueses venceram um (por sinal contra a única equipa de clube que defrontaram), já que nos restantes foram derrotados por selecções.

No «match» disputado em Bath, a superioridade do BOSA foi um facto, restando ao CDUP oferecer animosa réplica, face à superioridade (física e técnica) do «pack» contrário. Derrota (normal) por 31-6.

No jogo seguinte, contra o Gordano, já em Bristol, numa partida tecnicamente mal jogada e disputada sob forte temporal, o CDUP logrou superiorizar-se (ainda que dificilmente), por 7-4.

A terminar esta série de jogos, os portugueses defrontaram no «Memorial Ground», de Bristol, o Bristol Old Players (selecção de

antigos internacionais do sudoeste britânico).

Vitória incontestada (36-4) do «quinze» inglês, face a um adversário que soçobrou por completo, após uma boa vintena inicial de minutos, em que, inclusive, impôs o ritmo de jogo.

## O Rugby na Rádio

Como forma de resposta ao boicote sistémico que as actividades do CRRC (e do Rugby em geral) vêm sofrendo pelos jornais ditos desportivos deste país, o Comité teve, uma vez mais, a maior receptividade da RDP-Centro, com a emissão do primeiro programa radiofónico dedicado à modalidade.

Desde o dia 18 de Novembro «A Voz do Rugby», título do programa, irá para o ar todas as quartas-feiras, pelas 19 e 30, através dos emissores de Coimbra, Guarda, Viseu, Lousã e Castelo Branco, na onda média da RDP.

## Blackheath: talvez só em Maio

O Blackheath que, conforme noticiámos, deveria deslocar-se pela primeira vez ao nosso país não o pode fazer nas datas anunciadas (7 a 14 de Março). Embora não esteja certa (neste momento) a sua deslocação a Portugal, ainda não está posta de parte a hipótese daquele prestigioso clube inglês nos visitar. Maio foi o mês que a FPR contrapropôs ao Blackheath.

Surgiu, entretanto, a possibilidade (quase confirmada) de nesse período vir até ao nosso país o Camberley.

## Juvenis lisboetas «prometeram»

Os juvenis ingleses do Dean Close School foram os primeiros estrangeiros a visitar Portugal na temporada em curso. Uma vitória, um empate e uma derrota foram os desfechos dos três jogos que disputaram entre nós.

A abrir, uma selecção de Lisboa da categoria bateu-os por 24-0 (8-0 ao intervalo) em partida disputada no Estádio Nacional.

A equipa portuguesa superior em todos os aspectos produziu um jogo bastante agradável e promissor, vencendo com naturalidade.

De seguida, coube a vez ao Centro de Animação de Coimbra de defrontar os britânicos, perdendo por 4-0. Ainda em Coimbra, o Dean Close School defrontou uma selecção do Centro, tendo-se registado um empate a quatro pontos.

A equipa de Lisboa apresentou a constituição seguinte: Lobo, João Pedro e Corte Real; Cortes e Diogo; Fezas Vital, Trigo e Belo; Lino e Nóbrega; Jordão, Albuquerque, Sequeira e Brito; Neiva. Alinharam ainda Midões, Peter, Barros, Machado e Luz.

Pelo «quinze» do Centro (que incluiu jogadores do CAC, Tomar, Figueira, Vila Nova de Ourém e Aveiro), jogaram: Miranda, Quinteiro e Rafael; Marques e Nuno; Brás, Picão (Torres Pinto) e Fortes; Ralha e Polónio; Nuno, Namorado, Alfredo e Carlos Filipe; «Gralha».

## Inglêses vencem no Porto e em Coimbra

Ao abrigo do intercâmbio existente entre o BOSA e o CDUP, os juniores do clube portuense receberam a equipa londrina do Colfe's School.

Vitória sem margem para dúvidas, por 14-0, da formação britânica, frente a um «quinze» bastante jovem e inexperiente.

Posteriormente, os ingleses — representantes de um colégio com cerca de 600 alunos — actuaram em Coimbra, onde bateram a Académica, por 35-0, e um misto do Centro, por 25-9.

Refira-se ainda que esta equipa foi a primeira britânica a jogar na Roménia, o que aconteceu na época passada.

## Zona Centro tem nova viatura

O CRRC, prossequindo a sua política de aquisição de meios de transporte próprios, adquiriu uma nova viatura, desta feita uma «Ford Transit» de duplo rodado destinada,

principalmente, ao apoio da modalidade no distrito de Aveiro.

Esta nova unidade, que contará com o apoio da cerveja Sagres, vem juntar-se ao miniautocarro «Toyota» e a mais duas «Ford Transit», encontrando-se uma destas últimas viaturas presentemente entregue ao Comité de Elvas, ao abrigo de um protocolo firmado entre ambas as associações regionais.

## Curso de árbitros Juvenis

Inserido na actividade do Plano de Desenvolvimento da DGD e organizado pela sua Delegação de Aveiro, decorreu em 31 de Outubro e 1 de Novembro um curso de árbitros juvenis, que contou com a presença de 25 jovens de Tomar, Marinha Grande, Campo de Besteiros, Lousã, Moita e Coimbra, tendo como prelector o prof. Fernando Maia.

Esta acção decorreu nas instalações do EUC, dada a realização na tarde de sábado de uma jornada internacional, com jogos de juniores e juvenis.

## Direito cancelou viagem

O Grupo Desportivo de Direito cancelou a digressão que tinha projectada a França, entre 21 e 25 de Outubro.

Dificuldades de última hora surgidas com alguns dos jogadores provocaram o adiamento da deslocação a Orleans.

## Animadores «reciclados»

A Delegação de Coimbra da DGD organizou, a 17 e 18 de Outubro, nas instalações do Estádio Universitário, um Curso de Reciclagem de Animadores de Rugby, referente ao Plano de Desenvolvimento.

O curso reuniu 24 animadores (Coimbra, Moita, Figueira da Foz, Campo de Besteiros, Arcos de Valdevez, Marinha Grande, Vila Nova de Ourém e Lousã) e teve como prelectores o prof. Cabral Fernandes e Fernando Pinho.

# mobiliário FORMA

mobiliário doméstico  
cozinhas  
artigos de decoração

### LOJA FORMA

Av. Óscar Monteiro Torres, 58 A — LISBOA  
Telef. 77 92 34 / 76 01 14

Centro Comercial Pão d'Açúcar — CASCAIS  
Telef. 286 75 37

### FÁBRICA

Messejana — Baixo Alentejo  
Telef. 65116 — BEJA

# Não nos falem mais em imaginação



Durante as duas épocas anteriores foi tornada acessível aos clubes de rugby a aquisição, em condições muito favoráveis, de bolas e botas para a prática da modalidade.

Tal facto foi possível mediante um acordo, então celebrado, entre a FPR e a «Mitre Sports» (Inglaterra), nos termos do qual foi possível pôr à disposição dos jogadores portugueses equipamento desportivo de muito boa qualidade, a preços que até surpreendiam as próprias equipas britânicas que nos visitavam e que, aliás, e dentro de um já tradicional espírito de colaboração, constituíam parte integrante na transacção — não empregamos o termo negócio pois, na realidade, o equipamento foi colocado ao dispor dos clubes rigorosamente ao preço do custo.

Deste modo se minimizou um tanto um dos vários problemas com que a modalidade se debate pois, em condições normais o custo de bolas e botas tornou-se ultimamente, proibitivo.

Também, e isto analisando a questão de outro ângulo, estávamos tranquilos pois tínhamos consciência de que, por um lado, não iríamos prejudicar a indústria nacional — que não produz (!) tal material (as botas importadas eram de avançado) — e, por outro, por cansados estarmos de esperar pelas vantagens reais, designadamente fiscais, da tão politicamente explorada na altura da atribuição às Federações — e à do Rugby também, claro — do Estatuto de Entidade de Utilidade Pública.

Mas talvez não valesse a pena estarmos a ocupar esta página com um tema já conhecido — e quiçá também a ocupar o tempo dos leitores da Rugby-Revista — se, ultimamente com frequência e, há bem pouco tempo, não tivéssemos escutado e depois lido a afirmação, pelo menos lapidar, de um responsável altamente colocado na nossa hierarquia desportiva, que passamos a citar: — «... o desporto Federado (Federações) deve fazer um esforço tendente a, face à actual situação real de crise, se libertar da tutela (financeira) do Estado, mediante o esforço imaginativo dos seus dirigentes ...»

Mas, senhores, não é isso mesmo que se tem feito no Rugby português? Pois não é lícito pensar-se que, se não existisse já imagi-

nação e perseverança nos jogadores e dirigentes dos clubes, dos Comités e da própria Federação, o Rugby português não só não teria progredido como progrediu como, mais naturalmente, teria «falecido» de morte provocada?

Não «puxam» os jogadores pela sua «imaginação» para adquirirem, do seu próprio bolso, os seus equipamentos — o que talvez só aconteça neste nosso ímpar desporto?

Não «puxam» os dirigentes do Rugby português — quer dos Clubes quer dos Comités — pela sua imaginação ao procurarem formas de receita que lhes permita sobreviver face ao agravamento constante das despesas — e a publicidade nas camisolas é um exemplo?

Não «puxam» os jogadores, treinadores e dirigentes de tantos clubes pela sua «imaginação», pois só com uma boa dose dela é possível ver um baldio, um empedrado ou mesmo num pelado um mínimo de condições de treino há tanto reclamadas?

Outros exemplos poderíamos mencionar, a confirmar que, afinal, imaginação não nos falta. Do que estamos escassos é de meios.

E, continuando a falar em imaginação, precisemos que é preciso muita para compreender porque razão a DGD resolveu, «cortando» uma fatia à nossa dotação global, adquirir directamente todo o equipamento desportivo destinado à FPR.

Mais concretamente, a DGD pegou na referida verba, consultou quem quis e adquiriu o material que lhe aprouve. Nada adiantaram conversas, argumentos — e que transparentes eles são — nem exposições escritas.

«Orientação superior» — foi a resposta, que não responde a tudo, naturalmente. Para a FPR o descrito tem dois resultados evidentes:

1.º — Vamos ter menos bolas e de pior qualidade para um mesmo investimento;

2.º — Vamos ser coagidos — e já temos sinais disso — a ver fugir por entre os dedos um acordo que só beneficiava o Rugby português.

E não nos falem mais em imaginação!

A DIRECÇÃO DA FPR

# Título é só para um e há muitos candidatos

O Campeonato Nacional da I Divisão, a mais importante prova do calendário português, «arrancou» no fim-de-semana correspondente a 14 e 15 de Novembro. Ao longo de 14 jornadas, até meados de Fevereiro, as oito equipas mais cotadas do nosso rugby irão discutir entre si um título a que até agora somente cinco chegaram.

À partida para esta 24.<sup>a</sup> edição do torneio torna-se extremamente problemático tecer qualquer tipo de prognósticos. Isto porque, como se não bastasse entrar no campo das hipóteses, cremos que esta época ir-se-á assistir a um dos mais disputados «nacionais» dos últimos anos.

Na realidade, o equilíbrio (pelo menos o início de temporada assim o mostrou) «promete» ser característica dominante. É claro que há um grupo de mais favoritos. O Técnico, o CDUL, a Académica e o Direito parecem as formações melhor apetrechadas para a discussão do primeiro lugar. Mas é bom não

perder de vista as possibilidades de um CDUP, de uma Agronomia e, mesmo, dos «retornados» Belenenses e Benfica. Quanto mais não seja, qualquer destas formações parece à altura de se imiscuir nas posições cimeiras da classificação e, principalmente, causar alguns dissabores àquelas incluídas no grupo das mais favoritas.

O Torneio de Abertura — apesar\* dos jogos que ficaram por realizar — decorreu, de uma forma geral, equilibrado, com os «quinzes» nele participantes a subir de rendimento jornada a jornada. De resto, esse o objectivo da prova, que proporcionou alguns jogos de certo interesse, «revelando» algumas das possibilidades futuras das equipas em presença.

Com uma jornada apenas cumprida é difícil ir mais além do que isto. Como já referimos, acreditamos num «nacional» de 81-82 bem disputado. As 14 jornadas prometem surpresas e, até final, a luta pelo título nacional será, por certo, animada.

O Técnico, brilhante vencedor da prova em 80-81, muito dificilmente conseguirá revalidar o triunfo com a facilidade da época passada. Este um prognóstico que não deverá falhar...

## Vencedores em 23 anos

O Campeonato Nacional só começou a disputar-se na época de 1958-59, após a constituição da Federação Portuguesa de Rugby (23 de Setembro de 1957). Até essa altura realizaram-se, desde 1926-27, 29 campeonatos de Lisboa e cinco do Porto.

Os 23 «nacionais» até agora disputados tiveram os seguintes vencedores:

1958/59 — Belenenses	1970/71 — CDUL
1959/60 — Benfica	1971/72 — CDUL
1960/61 — Benfica	1972/73 — Belenenses
1961/62 — Benfica	1973/74 — CDUL
1962/63 — Belenenses	1974/75 — Belenenses
1963/64 — CDUL	1975/76 — Benfica
1964/65 — CDUL	1976/77 — Académica
1965/66 — CDUL	1977/78 — CDUL
1966/67 — CDUL	1978/79 — Académica
1967/68 — CDUL	1979/80 — CDUL
1968/69 — CDUL	1980/81 — Técnico
1969/70 — Benfica	

Em resumo: CDUL conquistou 11 títulos, o Benfica, cinco; o Belenenses, quatro; a Académica, dois; e o Técnico, um.



José Maurício

Belenenses e Benfica voltaram a encontrar-se na jornada inaugural do campeonato de abertura da «liguilla», os «azuis» venceram na Luz (11-4). O seu triunfo na Luz, a Académica (18-17), foram as «surpresas» do início.



José Maurício

A terceira linha do CDUL produziu, frente ao Direito, uma boa exibição, tendo sido, em parte, responsável pelo triunfo obtido (19-9). Na foto, Bernardo, apoiado pelo seu irmão João inicia mais uma saída.

## Em Fevereiro já há campeão

### 1.ª JORNADA

14/15 NOV

Técnico - CDUP  
CDUL - Direito  
Benfica - Belenenses  
Agronomia - Académica

### 2.ª JORNADA

21/22 NOV

CDUP - CDUL  
Académica - Técnico  
Direito - Benfica  
Belenenses - Agronomia

### 3.ª JORNADA

28/29 NOV

Benfica - CDUP  
CDUL - Técnico  
Agronomia - Direito  
Académica - Belenenses

### 4.ª JORNADA

5/6 DEZ

CDUP - Agronomia  
Técnico - Benfica  
CDUL - Académica  
Direito - Belenenses

### 5.ª JORNADA

12/13 DEZ

Belenenses - CDUP  
Agronomia - Técnico  
Benfica - CDUL  
Académica - Direito

### 6.ª JORNADA

19/20 DEZ

CDUP - Direito  
Técnico - Belenenses

CDUL - Agronomia  
Benfica - Académica

### 7.ª JORNADA

9/10 JAN

Académica - CDUP  
Direito - Técnico  
Belenenses - CDUL  
Agronomia - Benfica

### 8.ª JORNADA

16/17 JAN

CDUP - Técnico  
Direito - CDUL  
Belenenses - Benfica  
Académica - Agronomia

### 9.ª JORNADA

23/24 JAN

CDUL - CDUP  
Técnico - Académica  
Benfica - Direito  
Agronomia - Belenenses

### 10.ª JORNADA

30/31 JAN

CDUP - Benfica  
Técnico - CDUL  
Direito - Agronomia  
Belenenses - Académica

### 11.ª JORNADA

6/7 FEV

Agronomia - CDUP  
Benfica - Técnico  
Académica - CDUL  
Belenenses - Direito

### 12.ª JORNADA

13/14 FEV

CDUP - Belenenses  
Técnico - Agronomia  
CDUL - Benfica  
Direito - Académica

### 13.ª JORNADA

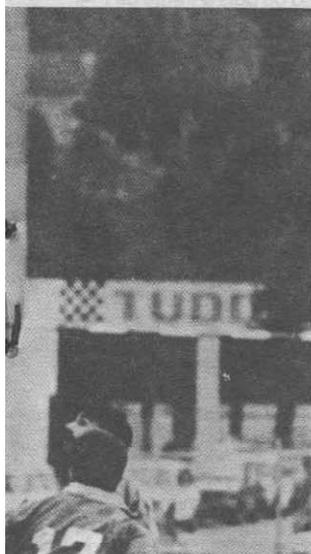
20/21 FEV

Direito - CDUP  
Belenenses - Técnico  
Agronomia - CDUL  
Académica - Benfica

### 14.ª JORNADA

27/28 FEV

CDUP - Académica  
Técnico - Direito  
CDUL - Belenenses  
Benfica - Agronomia



peonato é, tal como no jogo de como o de Agronomia sobre a da prova.

# A magia de Catchpole ainda não foi ultrapassada

C JAMES

Ken Catchpole, da Austrália, era o mestre do passe normal de pé («normal standing pass»), o passe mais difícil de todo o repertório do médio-de-formação. A maioria dos médios-de-formação são capazes de fazer este passe para o lado esquerdo mas bem poucos o conseguem para o lado direito com a precisão e a rapidez requeridas, sem prévio movimento de balanço tomado do lado contrário.

Passei horas e horas com jovens médios-de-formação tentando eliminar este movimento de balanço antes do passe. A essência do passe é a rapidez e não a extensão e um pronunciado movimento de recuo para tomar balanço é um desperdício de tempo. Um método para corrigir este defeito consiste em colocar a bola no solo, a mão do treinador a alguns centímetros da bola e do lado esquerdo desta e fazer o médio-de-formação passar a bola para o lado direito sem tocar na mão do treinador.

Para mim, o valor do Mini-Rugby e do Rugby Escolar está na criação de técnicos que hajam sido apropriadamente ensinados. Infelizmente caímos na armadilha do *ensino de massa*, com a ênfase de especializações sectoriais colectivas, o jogo de avançados para um lado e o jogo das linhas atrasadas para outro. Pouca ou nenhuma atenção é dada ao *diagnóstico individual*, ou seja, à análise e descoberta das deficiências do jogador como indivíduo e estabelecimento duma *medicação* apropriada para as eliminar.

A incapacidade de uma vasta percentagem de médios-de-formação em efectuar um passe normal com rapidez e precisão e correctamente para o lado direito deu origem ao aparecimento do passe rodado («pivot pass»), o que implica para o médio-de-formação o voltar as costas aos avançados. Rodando sobre si mesmo é assim capaz de efectuar um passe comprido. Mas do passe rodado em pé passa ao passe de pião, mergulhando, e esta combinação aponta de modo significativo para algumas imperfeições.

Há ocasiões, num alinhamento por exemplo, em que um médio-de-formação é apa-

nhado fora da posição pelos seus próprios avançados e não tem outra alternativa que não seja utilizar o passe de pião, em mergulho com rotação («pivot-dive pass»). A excepção à regra geral é aceitável. O que não é aceitável (e pode apreciar-se o que quero dizer se, no próximo encontro, se observar cuidadosamente o médio-de-formação) é a sua contínua e deliberada colocação do lado aberto do seu saltador, o que o impede de utilizar o passe normal.

Recordo-me bem, nos meus dias de escola, de ter jogado por Aberystwyth contra uma equipa da vila cujo médio-de-formação eu conhecia bem por termos jogado juntos. Depois do jogo ter assentado, esperei pela oportunidade (a lei do Fora-de-Jogo era bastante diferente nessa altura) para interceptar o seu longo passe efectuado em mergulho com rotação. Isso aconteceu três vezes, e, daí, três ensaios, mas o médio-de-formação nunca aprendeu a lição de tal modo estava rotinado nesse mau hábito que era um escape para a sua limitada técnica.

O Rugby é um jogo considerável sob vários ângulos. Mas mesmo a partir desta premissa, o passe de pião é um passe menos bom pois que tem de ser mais profundo que um passe normal de pé quase paralelo à linha de meta podendo fazer perder ao médio-de-abertura meia dúzia de passos, pelo menos.

O médio-de-formação arguto, pode, contudo, tirar vantagem do passe rodado, fintando que vai passar enquanto roda e corre no intuito duma perfuração junto do agrupamento. O conselho de Catchpole para os médios-de-formação é o de se colocarem



Foto-Rugby

O médio de formação australiano Ken Catchpole é considerado como um dos mais rápidos passadores de bola surgidos depois da II Guerra. Nascido em Sidney, a 21 de Junho de 1939, jogou pelo Randwick e, entre 61 e 68, representou a Austrália por 27 vezes, capitaneando os Wallabies em 13 ocasiões.

perto do jogador n.º 2 do alinhamento nas introduções da sua equipa. Esta posição não dá qualquer indicação sobre o modo como a bola vai ser lançada e, ainda mais importante, o médio-de-formação movimenta-se para a bola vinda do alinhamento na direcção do passe para o médio-de-abertura. Na minha memória, posso ainda rever Catchpole passando a bola na perpendicular, como um relâmpago, um passo ou dois à frente de Phil Hawthorn e, num ápice, a bola estava nas mãos do ponta.

Outra falta dos médios-de-formação é a de se colocarem demasiado longe dos avançados nos agrupamentos. Catchpole, baseando o seu jogo no factor tempo e na eliminação de erros, tentava situar-se o mais perto possível dos seus avançados em todas as situações de agrupamento. Muitos médios-de-formação têm de se aproximar para apanhar a bola e depois têm a tendência de darem mais um ou dois passos para se afastarem antes do passe. Isto é fatal e tem sido a destruição de muitos jogadores bastante promissores.

O terceiro passe é o passe escovado («spin pass»), a salvação para muitos médios-de-formação que não conseguem efectuar o passe normal de pé com a precisão dos australianos e neo-zelandeses. Chris Laidlaw foi o mestre do passe escovado e desde aí tem tido sempre imitadores.

O passe escovado é um passe comprido, eficiente em condições de muito vento e de ocasiões defensivas em que o médio-de-abertura tem que chutar para fora. Infelizmente tornou-se um hábito para muitos médios-de-formação quando devia ser ape-

nas uma mera alternativa aos outros passes. Sem qualquer dúvida, o passe normal de pé é, a grande distância, o melhor de todos para fazer movimentar com velocidade umas linhas atrasadas.

Qualquer que seja o passe utilizado, o seu comprimento e ângulo deve ser tal que permita ao médio-de-abertura variar o «ângulo com que se apodera da bola». É uma alegria ver um médio-de-abertura colocar-se em condições de receber um passe longo e não profundo e criar perfurações pelo centro do terreno. Os médios-de-abertura que actuam num ângulo constante de colocação são uns tristes médios-de-abertura.

Os médios-de-formação que possuem uma boa base técnica individual, tal como Selwyn Williams, Clive Shell e Gerard Williams, têm facilidade em transformar bolas de qualidade média ou mesmo piores, ganhas pelos seus avançados, em boas bolas. Como exemplo, o uso do canal um na formação ordenada, em que a bola sai rápida e mal controlada entre o 2.ª linha esquerdo e o flaqueador; os outros canais são tão bem controlados que o médio-de-formação tem todo o tempo para efectuar o seu passe, talvez tempo até demasiado para sossego dos seus companheiros.

Tendo considerado as funções especificadas do médio-de-formação — o homem mais



Foto-Rugby

importante na ligação entre avançados e linhas atrasadas — o restante do seu jogo vem por acréscimo, isto é, a capacidade para

O neozelandês Chris Laidlaw, mestre no «spin pass» jogou pelo Otago, e entre 1963 e 1970, alinhou pelos All Blacks em 21 partidas.

escolher as opções certas: passar, chutar ou perfurar. Há ainda a capacidade de placar tal como um flaqueador e a de ser considerado como um nono avançado e, neste contexto, assegurar que, quando placado, não serão nunca os adversários a ficar na posse da bola.

Como análise final, o médio-de-formação o que tem pois é que ser julgado como o elemento de ligação. Ele permanece ou desaparece pela sua técnica de passe e os treinadores, a todos os níveis, devem ter presente que este posto é provavelmente aquele que é o mais mal ensinado de todos.

## Comentários soltos... ... numa ideia ligada (V)

Algumas considerações (a propósito do artigo de C. James) sobre o perfil e educação do médio-de-formação e a iniciação e o ensino dos jovens.

### VASCO PINTO DE MAGALHÃES

Este artigo, aparecido no «Guardian» de 30 de Janeiro do corrente ano, chegou-me às mãos por amiga iniciativa do eng.º Pedro



Foto-Rugby

Carwyn James

Sousa Ribeiro que, posteriormente e a meu pedido, obteve autorização do autor para sua publicação e aceitou a minha colaboração na sua tradução (na qual os sublinhados são de minha autoria).

Mais ainda do que o interesse do que nele se lê — embora já tão repetido pelos especialistas de todo o mundo do rugby evoluído e até mesmo por este modesto escrevinhador da tão modesta casa lusitana — é a autoridade incontestável de quem o assina e a sua actualidade que justificam a sua publicação e a destes comentários, o que esteve previsto para a R.R. n.º 8/MAI 81 e somente não aconteceu por falta de espaço.

Carwyn James representou o País de Gales contra a Austrália e a França em 1958. Médio-de-abertura do Llanelli, foi posteriormente prestigiado orientador («coach») deste clube galês. E foi, em 1981, o primeiro «coach» dos British Lions a orientar uma digressão vitoriosa à Austrália (2 vitórias e 1 derrota) e à Nova Zelândia (22 vitórias, 1 empate e 1 derrota). O segredo do seu êxito residia na humana compreensão dos jogadores e dos seus problemas e na forma como tirava o melhor de todos eles, isto independentemente de situações clubistas ou de fronteiras, como ficou mais uma vez provado quando, orientando o Rovigo, levou este clube italiano à conquista do respectivo campeonato.

De parceria com John Reason, correspondente-chefe do «Daily Telegraph», es-

creveu «THE WORLD OF RUGBY — A history of Rugby Union Football» que acompanhou a série de emissões que em 1979 e com o mesmo nome, a BBC pôs no ar (que sorte!), livro cheio de interesse e de cujas 288 páginas tirei o maior proveito.

O seu artigo agora publicado pela R.R. suscitou-me comentários de duas ordens: (I) os que respeitam ao caso especialmente focado, ou seja, o perfil e educação dum médio-de-formação e seu repertório de gestos e atitudes fundamentais e (II) os que se relacionam com a forma de orientar, dum forma geral, a iniciação e o ensino dos jovens atraídos pelo rugby.

### FORMAÇÃO: RAPIDEZ DO PASSE É FUNDAMENTAL

Considero que, entre nós, tem havido notáveis médios-de-formação, mas, quando aparecem, reinam praticamente sozinhos por falta de concorrência derivada da inexistência de educadores capazes de descobrir no potencial humano de que dispõem as virtualidades básicas do posto e, sobretudo, ensinar-lhes os segredos da arte.

Ora parece bem claro que, fundamentalmente o médio-de-formação tem de possuir, ao mesmo tempo, o perfil dum flaqueador e o dum médio-de-abertura (ou dum centro), ter dos dois papéis uma perfeita noção (isto

para além dos do talonador e do n.º 8) e ter como principal característica a rapidez de reflexos, quer na transmissão da bola em que não pode perder um milésimo de segundo (mesmo com prejuízo da extensão e/ou até do rigor do passe), quer na tomada de decisão: passar, chutar ou perfurar (com ou sem a cobertura dos seus avançados). A primazia da instantaneidade do passe sobre o seu alcance e precisão está dita e redita e pode ler-se em todas os tratadistas e até no artigo subscrito por Don Rutherford e P. J. Colton recentemente publicado na R.R. (n.º 8/MAI 81). Aliás, estes dois últimos atributos são mais fáceis de desenvolver pela prática do que o primeiro que se pode considerar, seja-me permitida a expressão, mais inato.

É verdade que quando a ligação entre os médios falha todo o leigo atribui imediatamente a culpa ao médio-de-formação — é ele o mais focado pela retina do observador incipiente. Mas, a realidade é que, quando o médio-de-abertura sabe do seu ofício, tem de aperceber-se conscientemente das virtualidades e do modo de actuar do médio-de-formação que o serve e situar-se e movimentar-se consoante. Alguém se lembra e ter visto Gareth Edwards ser criticado pelo seu extensíssimo passe tantas vezes incorrecto, com a bola rodando no sentido do seu eixo maior ou numa trajectória em arco quando mais longa (nunca conseguiu escovar a bola convenientemente para o lado direito) mas sempre numa transmissão rápida (parecendo que) de qualquer maneira quando entendia fazê-lo? Mas é que na ponta final do seu passe estava um Barry John ou um Phil Bennett cujas mãos preciosas e inteligência do jogo supriam as falhas que o genial «rugger» — porque o era — parecia cometer ao passar a bola.

Tudo depende muito da capacidade e do estilo pessoal do médio-de-formação e da equipa em que se integra. O próprio G.E., tendo ser apontado como um modelo de médio-de-formação a generalizar, bem como também Sid Going — cada um no seu género muito pessoal. Dai que quanto mais completa a panóplia do médio-de-formação melhor: certo que se esforce por executar com a maior perfeição (rapidez, precisão, alcance) o passe directo normal de pé — mas não o inferioriza fazê-lo em mergulho quando isso lhe traz vantagens ou se torna imperioso, designadamente quando a posição dos seus pés e/ou a pressão dos adversários a isso o levam (e é o mais preciso dos passes, não só na opinião do C. Saxton — cf. «ABC do Rugby» — como do seu inventor D. Craven, considerado pelo próprio C. J. como o melhor médio-de-formação do mundo — Cf. «The World of Rugby» pg. 80). De resto, a ideia de que o passe de mergulho (directo ou de pião) impede o médio-de-formação de seguir a jogada está, na minha opinião, completamente ultrapassada pois a extensão que justifica um passe destes não dá tempo ao médio-de-formação, em qualquer hipótese, de seguir de imediato a jogada — é apenas um problema de resistência à fadiga que o mergulho provoca e do... «what's on».

#### TRANSFORMAR MÁIS EM BOAS BOLAS

O outro grande atributo que qualifica o médio-de-formação reside na sua capacidade de transformar a posse de bolas de má qualidade em boas bolas — o que, aos lei-

gos, quase completamente escapa — e, aqui, nem C. J. negará que tanto o passe de pião como o passe invertido — «reverse-pass», que não cita — são armas preciosas que só poderão condenar-se quando utilizados como rotina; o que aliás, qualquer que seja o posto que o jogador ocupa, só revela a pobreza do seu repertório (como o próprio C. J. no seu artigo refere acerca do médio-de-abertura) e não poderá nunca esquecer-se que é na variedade, pessoal e colectiva, que se revela a riqueza dum jogador e dum equipa (e, por extensão natural, dum «coach»). E quanto à intercepção do passe de pião, não me lembro de ter visto alguma vez um passe do meu filho mais velho, Xano, introdutor desse passe entre nós, ter sido interceptado (e isto mesmo ainda antes da revolução das leis de 1964, com os flaqueadores e o médio-de-abertura defensor em cima do médio-de-abertura atacante). Como também qualquer passe do meu filho mais novo, João, hoje que um intervalo de 10 a 20 m separa defensores de atacantes nos alinhamentos. De resto — é C. J. que o diz (op. cit. pág. 248 e 249) — as Leis de 1973, com o imposto afastamento de um metro entre os avançados no próprio alinhamento, vieram dificultar extraordinariamente a protecção do saltador, e, ao contrário do que se esperava, são hoje muito mais raras as boas bolas como consequência prevista dum maior frequência de bolas agarradas a duas mãos (bem como tornaram muito mais fácil a perfuração dos defensores) pelo que o médio-de-formação tem uma muito mais intensa tarefa em transformar bolas más em bolas boas. E, para isso, não vejo melhor recurso do que o passe de pião e até o passe invertido. E quando bem recebidos — são quase as únicas ocasiões em que se vê chegar a bola ao ponta em condições deste poder tentar torrear («swerve» ou «débordement») o seu adversário directo.

Isto quanto ao médio-de-formação como elo de ligação.

Quando a defender... o médio-de-formação continua a ser um jogador-chave: tal como é o primeiro atacante, é o primeiro defensor... e quantas vezes também acaba por ser o último... a defender «in extremis».

#### O «RUGBY ANÁRQUICO»

Quanto ao ponto (II) de carácter geral, está relacionado com a abordagem filosófica da iniciação e do ensino do rugby nas camadas juvenis em Portugal e parece-me ser de extrema importância pôr em confronto as opiniões de C. J. com as perfilhadas por aquele que julgo ser — ou era? — o seu principal responsável dentro da Comissão Técnica Nacional, prof. E. F. António Cabral Fernandes, as quais me têm preocupado grandemente e já tenho debatido, aparecendo bem claras no seu artigo inserto na R.R. n.º 3 (DEZ 80) em que se lê: «Na aprendizagem do rugby a progressão pedagógica seguida em Portugal processa-se em três fases: 1.ª — Descoberta do rugby através do rugby anárquico...»

É de todos conhecida a obra notável levada a cabo pelo técnico em causa na expansão do rugby entre os jovens portugueses, nomeadamente no Centro do país. Mas também é fácil verificar que não só o nível praticado por esses iniciados é muito fraco como também que, nos escalões etários superiores da sua região, ele não tem melhora-



Foto-Rugby

do, antes pelo contrário (faço uma excepção para o Lousã).

Rugby anárquico deve ser expressão que Tony leu ou ouviu de britânicos para os quais tem forçosamente um significado muito especial. Entre eles, e numa interpretação freudiana, a iniciação no rugby começará quando a criança brinca com o seio da mãe e continua na medida em que, desde que começa a entender, andar e brincar, o rugby lhe entra pelos olhos, pelos ouvidos e até pela pele. Anárquico significará apenas a noção de não perder tempo se não com os gestos fundamentais e aqui não se permitirão anarquias nenhuma pois é mais do que sabido que o gesto individual que não se aprendeu como deve ser até aos 14/15 anos, digamos, raras vezes vem a ser executado com perfeição posteriormente, ao contrário da técnica de equipa que se torna mais assimilável com a idade. Em Portugal, anarquia na iniciação não terá o mesmo significado e por isso alguns pais têm iniciado os próprios filhos e até netos há já iniciados pelos avós.

Outro dos princípios é o de teimar em considerar o rugby um desporto de massa. Poderá vir a sê-lo, «à la longue», quando uma «elite», moralmente forte, pela sua expansão, o permitir. Mas nunca como iniciação ou lançamento. Isto ficou, aliás bem patente, quando na Grã-Bretanha os dois futebolis («soccer» e «rugger») se separaram: o primeiro um desporto de e para as massas e o segundo um desporto restrito.

Releia-se o que Carwyn James diz no seu artigo:

«Para mim o valor do Mini-Rugby e do Rugby Escolar está na criação de tecnicistas que hajam sido apropriadamente ensinados. Infelizmente caímos na armadilha do ensino de massa, com a ênfase de especializações sectoriais colectivas, o jogo de avançados para um lado e o jogo das linhas atrasadas para o outro. Pouca ou nenhuma atenção é dada ao diagnóstico individual, ou seja, a análise e descoberta das deficiências do jogador como individuo e estabeleci-

**Em  
Dezembro**

## Vamos eleger o jogador, árbitro e treinador do ano

Como referimos em Outubro, «Rugby-Revista» vai promover a eleição dos «Melhores em 1981»: o jogador, o treinador e o árbitro.

Os críticos da especialidade vão ser chamados a colaborar nesta iniciativa, que pretendemos se repita todos os finais de ano.

Existem processos vários de levar por diante este tipo de votações. Poderíamos, por exemplo, entre o nosso quadro de colaboradores, proceder à eleição, ou, também, pedir a colaboração dos leitores. Entendemos, no entanto, ser preferível solicitar às individualidades que, no nosso país, escrevem sobre a modalidade a sua votação. E isto porque, em princípio, serão elas que estarão em melhor posição para o fazer, não só pela sua isenção, como também porque ao longo do ano foram quem maior número de jogos terão visto, e de forma desapaixonada.

Irão pronunciar-se os críticos seguintes: António Aguilar («A Bola»); António Catarino («Comércio do Porto»), João Paulo Bessa («Expresso»), Marcelino Nunes («Gazeta dos Desportos»), Patrício Álvares («Record»), Vasco Pinto de Magalhães («Rugby-Revista»), e o nosso director, João Frago Mendez («Diário de Notícias», «Rugby-Revista»).

A cada um deles «Rugby-Revista» solicitará três votações separadas, nelas indicando três nomes, por ordem. Ao primeiro serão atribuídos cinco pontos, ao segundo três e ao terceiro um.

Recolhidos todos os depoimentos, proceder-se-á às somas respectivas e ficarão determinados os eleitos «Jogador do Ano», «Treinador do Ano» e «Árbitro do Ano».

No número de Dezembro serão conhecidos publicamente os resultados desta votação.

## Comentários...

mento duma medicação apropriada para os eliminar.»

Peço ao Responsável Nacional do ensino do rugby entre os jovens que atente e medite bem nestas palavras.

E, já agora, atente também nas palavras do Don Rutherford (Rugby for Coach and Player, 1971, pág. 34 e 35):

«O terceiro e último factor-chave do capítulo das atitudes concerne perfeição... absoluta perfeição (100%) é inatingível... mas se uma pessoa aponta para 75% da perfeição e um outro para os 100%, há grandes possibilidades de que este venha a fazer melhor do que aquele.»

### «ENSINO DE MASSA» NÃO NOS SERVE

O ensino de massa no rugby, repito, não levará a lado nenhum, com consistência. O rugby é muito exigente e só um desejo de perfeição individual levará a um forte aperfeiçoamento do conjunto.

Tenho tido ocasião de ver, cheio de alegria, todos os domingos, de manhã cedo, o Estádio Universitário de Lisboa — o meu

estádio, desculpe-se-me o narcisismo — a regorgitar de miúdos. E como são diferentes os comportamentos das equipas de pequeninos consoante quem os orienta! Tive ocasião de assistir também ao Convívio Nacional de Infantis ali realizado a 11 de Abril.

Foi excelente ver aquela inundaçã de miúdos que vieram de tão longe como Viana do Castelo, de Viseu, do Porto, de Aveiro, de Coimbra, da Lousã, de Leiria e de Elvas. Bem hajam todos aqueles que aquela festa proporcionaram!

Mas que diferença de prática, sobretudo relativamente às equipas de Lisboa, designadamente as do prof. E. F. A. Miranda (CDUL) e de Francisco Pimentel (S. Miguel), talvez com uma excepção para a equipa da Lousã (consequência do excelente trabalho que ali tem realizado José Redondo?). É que, apesar de tudo, esperava melhor (em qualidade de ensino), sobretudo da equipa de Coimbra, facilmente batida pelo CDUL (24-4) e pelo S. Miguel (12-0), que não perderam qualquer dos jogos que efectuaram. Não é que, nestes convívios e neste escalão, o mais importante seja vencer; o importante é ter o prazer de praticar bem o

desporto que se escolheu, e, neste caso, as vitórias vêm por acréscimo e foi isto que aconteceu.

Mas, insisto em que já é tempo de ver melhorar o nível geral. É que é de pequenino que se torce o pepino. Levou-me cerca de uma dúzia de anos a fazer o grande CDUL praticamente invencível de 1963 a 1969. Já leva uma dúzia de anos a aprendizagem dos componentes da coluna vertebral do Clube Portugal, atenta e perfeccionista e que assim espero que continue. Por isso os seus sucessivos êxitos que culminaram este ano da melhor maneira.

Não foi realização de contramestres de obra feita. Cuidado com estes: não põem ovos, não os quebram nem os cozinham mas estão prontos para papar as omeletes!

Ora o que era preciso justamente era mais cozinheiros habilitados para comensais exigentes, e com eles, mais clubes a fazerem escola. Mas escola a valer, não de massa, não anárquica.

Esta nunca poderá deixar de ser como o pobre do pilriteiro que dá pilritos e não dá coisa boa porque cada um dá o que tem, conforme a sua pessoa.

opinião • opinião • opinião • opi

# de pequenino • de pequenino • d



António Santos

A actividade dos escalões juvenis, da área do Comité de Lisboa já se iniciou. Várias centenas de jogadores Infantis, Iniciados e Juvenis, com efeito, desde 7 de Novembro, começaram a disputar os respectivos Torneios de Abertura.

Na foto ao lado, um muito jovem benfiquista em acção no jogo com o S. Miguel; em baixo, no final dessa partida, as duas equipas posam «para a posteridade».



António Santos



**octogono**

## MOBILIÁRIO COZINHAS

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927

# ...Abertura

Sob autorização da RFU/Rugby Post, prosseguimos, neste número, a série de 10 artigos, de autoria de Don Rutherford e P. J. Colston, originariamente vindos a lume nas páginas daquele jornal da Federação Inglesa, cada um deles tratando de uma posição — requisitos, formas de treino, etc. — dentro de um «quinze». Agora, cabe a vez ao Abertura

**D. RUTHERFORD/P.J. COLSTON**  
(Rugby Post)

Os artigos desta série não são definitivos nem pretendem sê-lo. O seu objectivo é estimular as ideias acerca das técnicas posicionais aplicáveis a cada jogador de uma equipa de rugby. Não esperamos, necessariamente, que todo e qualquer treinador, ou jogador, aceite as opiniões que expressamos, designadamente no que respeita aos exercícios sugeridos e programados de preparação física — cada um poderá ter ideias melhor adaptadas às suas necessidades.

Partimos do princípio de que um treino a sério e um programa de prática por sectores têm lugar duas vezes por semana e de que cada treinador poderá imaginar outros exercícios.

## REQUISITOS PRINCIPAIS

Compreensão das opções possíveis em cada situação.

Capacidade de avaliação, para seleccionar a opção correcta.

Capacidade para a executar.

## PRIORIDADES TÉCNICAS BÁSICAS

### JOGO À MÃO

Receber passes diversos suficientemente cedo para que disponha de uma vasta gama de opções.

Passar a bola rapidamente e com precisão, com força e a distância variáveis.

### CORRIDA

É desejável velocidade a partir da «marca» (5-25 metros).

Correr a direito, com mudança de ritmo, mudança de direcção, «side-step» e «swerve» (1).

Correr em apoio das suas linhas atrasadas, no ataque e na defesa.

Sprint 15 por cento.

Ritmo de três quartos 80 por cento.

Ritmo médio 5 por cento.

### PONTAPÉS

Pontapear com precisão, tanto no ataque como na defesa, com qualquer dos pés e muitas vezes sob extrema pressão.

Pontapé de balão.

Pontapé rente ao solo (Grubber)

Ambos incluindo todas as hipóteses de força e distância.

Pontapé-de-ressalto.

Pontapé colocado.



António Santos

### CONTACTO

Placar de frente e de lado.

Cair sobre a bola e colocar-se de pé imediatamente.

Quando apanhado pelo adversário na posse a bola desempenhar o seu papel no «Maul»

### PREPARAÇÃO MENTAL

Pensar, observar, falar e ler tanto quanto possível acerca do jogo.

Estar ciente das forças e fraquezas da sua equipa e do papel que nela desempenha. Como responsável pelas decisões, o médio-de-abertura deve saber como proporcionar a aplicação das vantagens específicas da sua equipa.

Analisar os pontos fortes e fracos do adversário, em particular dos seus médios, avançados da terceira linha e defesas. Observar o posicionamento das suas linhas atrasadas.

Tomar cuidadosamente em consideração as condições climáticas e as peculiaridades de cada terreno. Dar particular atenção ao vento e à forma como poderá variar durante o jogo.

Ao jogar, concentrar-se no jogo durante todos os momentos. Estar ciente das mudanças no padrão de jogo do adversário e dos factores que influenciam essas mudanças.

### EXERCÍCIOS DE PRESSÃO

As combinações de terceira linha, médios e três quartos deve ser treinada em conjunto para desenvolver o entendimento mútuo. Os exercícios devem ser organizados de tal modo que os jogadores fiquem cientes do valor do tempo e do espaço e de como são afectados pelas linhas de vantagem e de placagem.

Todos os exercícios devem reportar-se à posse original da bola, (formação, alinhamento, Maul, ruck) e ter lugar em posições diversas do terreno-de-jogo.

Devem incluir o médio-de-abertura a receber particularmente do seu médio de formação e terceiras linhas, passes de distância e forças diversas, tanto do lado esquerdo como do direito e sob diferentes pressões, originando:

a) uma transmissão de bola rápida mas controlada.

b) passes a distância variável — passe curto através dum «buraco».

c) passe cruzado.

Um médio-de-abertura deve treinar a correr com a bola a partir da marca com uma aceleração explosiva; corrida para a frente entremeada com mudanças de ritmo; mudar de direcção, bater o adversário por meio de «side-step», «swerve» e finta de passe.

Devem ser treinados todos os tipos de pontapé, com qualquer dos pés e sob pressões variáveis, incluindo:

a) Bolas altas para a «caixa».

b) Bolas altas para debaixo dos postes.

c) Bolas em diagonal para o três-quartos-ponta.

d) Pontapé rente ao solo (Gaubber).

e) Pontapé em arco (Chip).

f) Pontapé-de-ressalto — aos postes, em jogadas após interrupção de jogo, em pontapés livres, pontapés-de-saída e pontapés-de-ressalto de 22 metros.

g) A «touche», nos ressaltos provenientes de fora da linha-de-22 metros, de ambos os lados.

h) Para a «touche» esquerda com o pé direito.

i) Para a «touche» direita com o pé esquerdo.

j) Pontapé colocado aos postes e pontapés-de-saída.

O treino deve incluir o controlo da recepção da bola movendo-se tanto em direcção à sua própria linha como afastando-se dela, vindo do ar ou no chão e também caindo sobre ela, recuperando a posição de pé e então:

- a) pontapeando.
- b) desempenhando o seu papel no Maul quando agarrado pelo terceiro linha adversário, a fim de assegurar à sua equipa a posse da bola.

c) correndo em contra-ataque, em apoio e ligação de outros jogadores.

Os exercícios de placagem contra jogadores adversários de diversas capacidades e velocidades (não apenas linhas atrasadas mas também terceiras linhas em peeling) devem incluir:

a) Placagens de frente, em diversas posições do terreno, incluindo jogadas de terceira linha próximas da sua própria linha-de-meta e da do adversário.

b) Placagens de lado, em situações de cobertura e defesa escalonada empurrando o adversário para a linha lateral.

c) Placagens pela rectaguarda para parar o jogador que tenha penetrado através

das linhas atrasadas.

d) Situações em que é ensaiado o seu papel na defesa contra jogadas do adversário.

e) o três- Quartos-centro inserido num Maul quando ele, os seus jogadores ou um adversário são placados — o médio de abertura deve ficar de fora.

f) Receber e dar a bola quando placado ou vinda de um jogador placado.

## TREINO DE PRESSÃO (EXERCÍCIOS)

### GENERALIDADES

Alguns exercícios incluem jogadores de outras posições mas podem ser realizados com médios-de-abertura em sua substituição. É necessário um conjunto completo de linhas atrasadas. Também há outros res-

peitando ao aperfeiçoamento posicional de outros lugares que incluem médios-de-abertura.

Sempre que apropriado, o exercício descrito deve ser executado em ambos os lados do terreno e não apenas naquele que se indica, e em posições diversas ao longo do seu comprimento.

As posições dos jogadores, no início, devem estar de acordo com a capacidade quer dos que se treinam quer daqueles que fazem oposição, a fim de variar o grau de pressão e assegurar que o ritmo durante o treino seja o mesmo que é exigido num jogo real.

O objectivo de cada exercício e o papel que nele desempenham deve ser claramente explicado aos jogadores que fazem a oposição.

### 1. JOGO À MÃO (Sem oposição em grupos de seis; e, depois, com oposição em grupos de oito a 10).

Equipamento, quatro bolas.

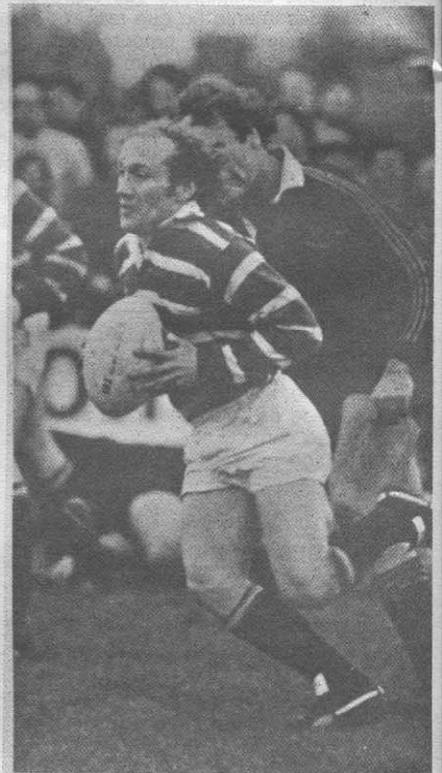
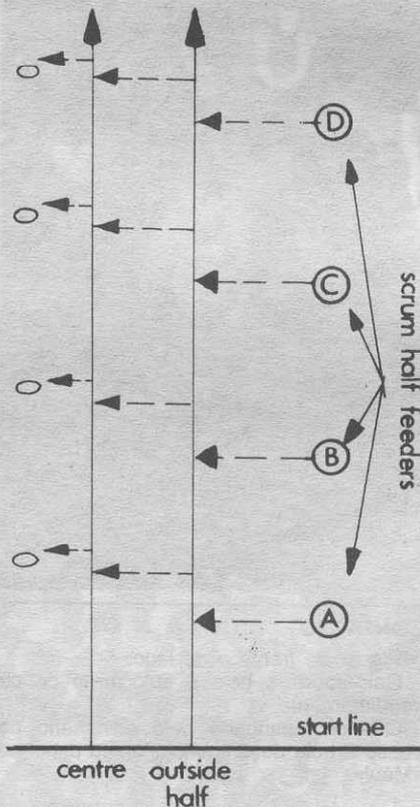
Objectivo: melhorar a velocidade do passe.

a) Quatro médios de formação ou outros jogadores capazes de passar adequadamente colocam-se sobre uma linha, intervalados de cerca de 15 metros, cada um com uma bola. O três- Quartos-centro e o médio-de-abertura arrancam da linha de partida. O médio-de-abertura recebe a bola do formação e passe-a ao três- Quartos-centro que a coloca no terreno assim que a recebe. Ambos continuam a correr e a receber o passe das sucessivas posições. Depois de passar, cada «alimentador» recupera a bola de onde o três- Quartos-centro a deixou e volta para o mesmo lugar.

O médio e o centro repetem o exercício em sentido contrário a fim de treinarem a recepção e o passe do outro lado.

A distância entre os «alimentadores» pode ser variada para corresponder à pressão requerida. Quanto mais perto estiverem uns dos outros, maior é a pressão.

b) Como em 1 a) mas com oposição a desencadear de uma posição de flankeador (adjacente à do «Alimentador» ou de médio-de-abertura adversário assim que o formação passa a bola.



### 2. JOGO À MÃO E CORRIDA (Sem oposição em grupos de sete e depois com oposição em grupos de 9-11.)

Equipamento, quatro bolas.

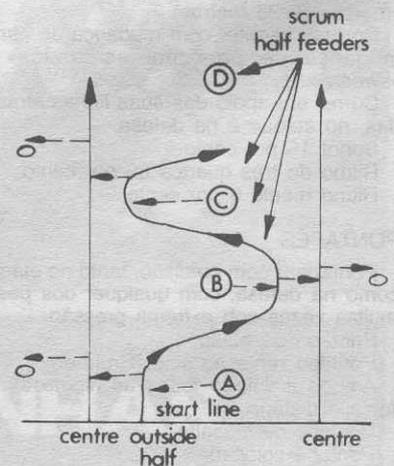
a) Como em 1 a) com os «alimentadores», o médio de abertura e centro a desempenhar papéis semelhantes, com a diferença de que o médio de abertura recebe a bola de direcções alternadas.

De novo, variar a distância entre os «alimentadores» para atingir a pressão neces-

Objectivo: aumentar o conhecimento das linhas de corrida a partir de bolas provenientes de ruck, Maul e formação.

sária.

b) Como em 2 a) mas com a oposição a desencadear de uma posição de flankeador (adjacente à do «alimentador») ou de médio de abertura adversário assim que o formação passa a bola.

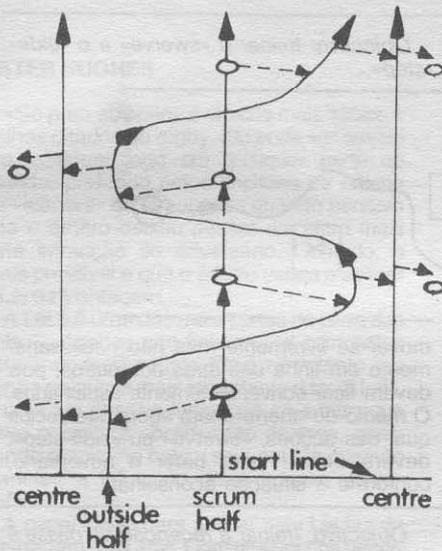


# jogar a... • jogar a... • jogar a... •

3. JOGO À MÃO E CORRIDA (Sem oposição em grupos de quatro e depois com oposição em grupos de seis a oito.)

a) Como em 2a) mas apenas com um médio de formação que deverá correr para as quatro bolas colocadas no terreno a cerca de 15 metros umas das outras e passar uma por uma ao médio de abertura.

Dê novo, a distância entre as bolas variará conforme a pressão requerida. O treinador deve recolocar as bolas na posição inicial.



Equipamento: quatro bolas.  
Objectivo: aumentar o conhecimento dos requisitos de posicionamento/passada a

partir de bolas provenientes de ruck, Maul e formação.



Foto-Rugby

b) Como em 3a) mas com oposição a desencadear de uma posição de flaqueador (adjacente à do «alimentador») ou de

médio de abertura adversário assim que o formação passa a bola.

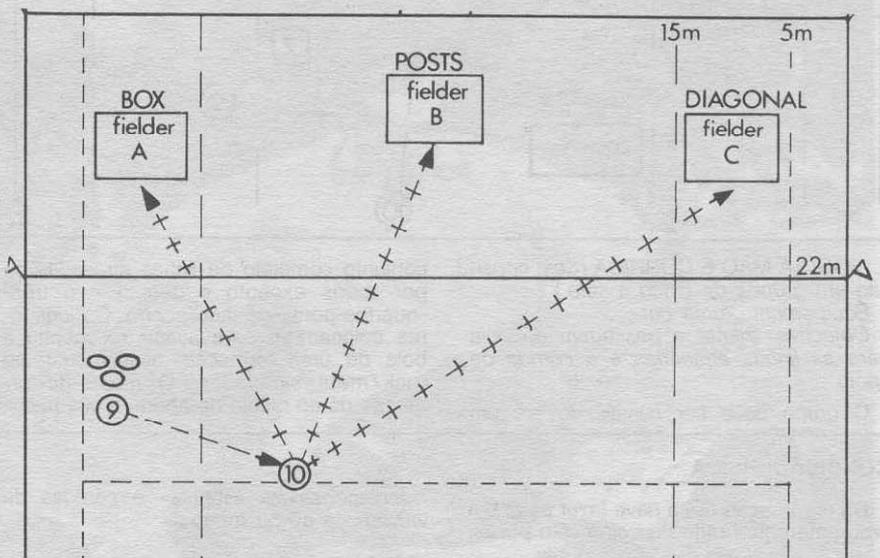
4. PONTAPÉS (Sem oposição, em grupos de cinco e depois com oposição em grupos de seis a 12).

Equipamento: três bolas.

Objectivo: melhorar a precisão dos pontapés.

a) O médio-de-formação, 9, passa ao médio-de-abertura, 10, a partir de uma formação, alinhamento ou ruck/maul simulados. O médio-de-abertura pontapeia «à caixa», para debaixo dos postes ou em diagonal. Cada zona alvo deve ser assinalada com a presença de um jogador. Os pontapés devem ser colocados de tal modo que aquele jogador se sinta pressionado se o médio-de-abertura dispuser de jogadores de apoio. O médio-de-formação reiniciará o exercício com a segunda e terceira bolas. As bolas devem ser devolvidas pelos jogadores que as receberam: por A para o centro do terreno, por B para perto da linha de «touche» à sua direita e por C para perto da linha de «touche» à sua esquerda.

O exercício deverá continuar com o médio-de-formação a escolher uma das bolas devolvidas e a passá-la ao médio-de-abertura, que chuta novamente. Os jogadores receptores, ao devolverem as bolas, proporcionam o movimento à frente do chutador.



b) Como em 4a) mas com um adversário que actuará como flaqueador, movendo-se em direcção ao médio-de-abertura a partir da formação, alinhamento ou ruck/maul simulados assim que as mãos do médio-de-formação tocam na bola.

c) Como em 4a) mas com mais adversários, assim como jogadores de apoio, que seguem os pontapés e tentam recuperar a posse da bola. Os exercícios podem incluir pontapés em arco («chips») se o efectivo das linhas atrasadas adversárias for realista.

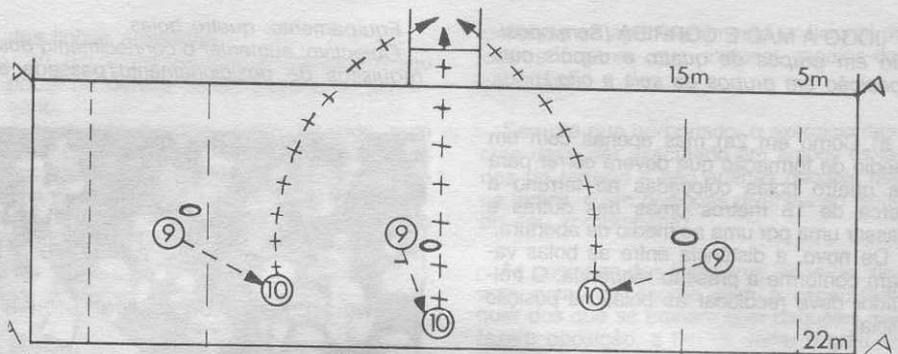
# jogar a... • jogar a... • jogar a...

5. PONTAPÉS (Sem oposição aos pares e depois com oposição dois contra dois.)

Equipamento: três bolas.

Objectivo: treinar o pontapé-de-ressalto aos postes.

a) O médio-de-formação, 9, passa ao médio-de-abertura, 10, a partir de uma das três posições indicadas, simulando uma formação ou um ruck/maul. O médio-de-abertura dá um pontapé de ressalto aos postes. A posição central é a mais realista e deve ser a mais frequentemente treinada. As bolas serão devolvidas pelo treinador ou por outro médio-de-abertura que pode treinar a recepção e controlo da bola e depois chutar de ressalto aos postes, caso em que será o médio-de-formação a devolver a bola retornada.



b) Como em 5a) mas introduzindo mais dois jogadores para actuarem como flaqueador e médio-de-abertura adversários.

Os defensores devem mover-se apenas quando as mãos do médio-de-formação tocam na bola.

6. CORRIDA (Sem oposição e com oposição um contra um em grupos de quatro a seis.)

Equipamento: uma bola por corredor, três-cinco bandeirolas de canto ou cones de sinalização.

Objectivo: treinar o «swerve» e o «side-step».

O médio-de-abertura, 10, corre com a bola alternadamente por um e outro lado dos adversários, X (ou bandeirolas de canto ou cones em sua substituição) usando um «swerve» para bater cada defensor. Os adversários devem estar dispostos, por exemplo, a intervalos de cinco metros ou outras distâncias mais apropriadas e devem defender:

I) ajoelhando sem fazer qualquer tentativa de placagem;

II) ajoelhando e tentando tocar o médio-de-abertura, utilizando apenas os braços;

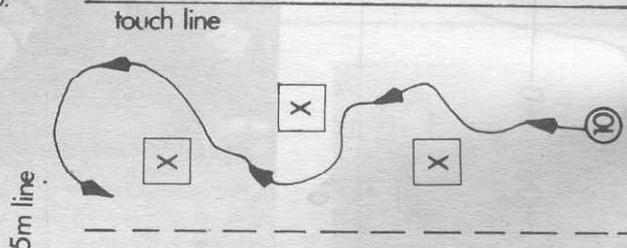
III) ajoelhando e tentando tocar o médio-de-abertura, mas movendo também o

tronco;

IV) colocando-se engrupados de pernas flectidas e tocando ou placando;

V) colocando-se de pé e tocando ou placando.

Repetir, utilizando um «side-step». Como progressão, autorizar os adversários a



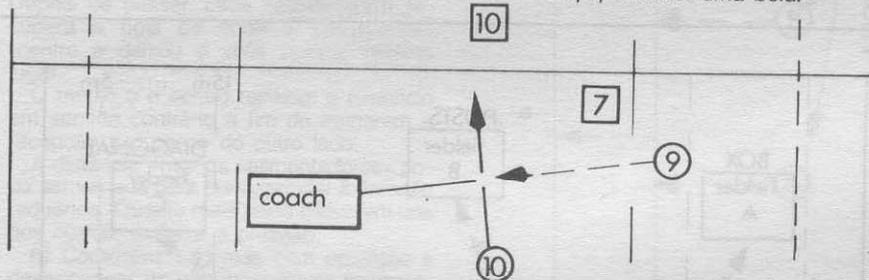
mover-se livremente mas não necessariamente em linha uns atrás dos outros, pois devem ficar convenientemente espalhados. O médio-de-abertura terá agora que decidir qual das acções, «swerve» ou «side-step», deverá utilizar para bater o adversário, conforme a situação aconselhar.

7. JOGO À MÃO E CORRIDA (Com oposição dois contra dois mais treinador ou

alvo.)

Equipamento: uma bola.

Objectivo: treinar a recepção do passe e a escolha de uma direcção de corrida.



O treinador servirá de alvo para o passe do médio-de-formação e manterá a mesma posição para definir uma linha de passe determinada. O médio-de-abertura, 10, receberá a bola em diversos pontos ao longo daquela linha e tentará bater os adversários, colocados adequadamente, com a bola nas mãos.

8. JOGO À MÃO E CORRIDA (Sem oposição em grupos de cinco a sete.)

Equipamento: uma bola.

Objectivo: treinar a passagem da bola para as linhas atrasadas e a corrida de apoio.

O grupo deve ser constituído por um

conjunto completo de linhas atrasadas ou por todos excepto o defesa e o três-quartos-ponta do lado aberto. Os jogadores colocam-se para atacar recebendo a bola de uma formação, alinhamento, ou ruck/maul simulados. O médio-de-formação dá ao médio-de-abertura que passa

ao primeiro centro (ou ao ponta do lado fechado) e depois se desloca por detrás da linha dos três-quartos para estar em posição de apoio ao ataque do ponta (quer pelo lado de dentro quer pelo de fora) ou para cruzar com o primeiro centro ou ainda como recurso para qualquer bola perdida.

## CONDIÇÃO FÍSICA

Da preparação física deve fazer parte um programa equilibrado de treino com pesos.

Indispensáveis «sprints» e corridas de vaivém de 40-50 metros.

## PODER

Não é um requisito essencial.

## «STAMINA»

A velocidade e a «stamina» devem ser desenvolvidas por meio de corridas intervaladas de 200-600 metros.

## VELOCIDADE

É essencial a aceleração a partir de uma posição inicial estática ou em movimento.

Deve ser realizado um trabalho de qualidade tanto com sapatos de pregos como com botas, com e sem a bola e contra-relógio.

(1) «Side-step» — movimento de esquiava no qual o jogador, por meio de um salto para o lado, se desloca para um novo percurso, paralelo ao primitivo; não há cruzamento de pés.

«Swerve» — Inclinação do corpo e das pernas em esquiava ao adversário, usualmente completada com o cruzamento do pé interior sobre o exterior.

(Definições estabelecidas por V. Pinto de Magalhães nas notas do tradutor de «O ABC do Rugby», de C.K. Saxton, ed. «O Século», 1972.)

# Lei da Vantagem: uma «ideia» que faz da arbitragem uma arte

PETER HUGHES

«Só pára ao apito» é um dos mais sábios e velhos ditados do rugby. Ele pode ser ouvido em qualquer jogo em qualquer parte do Mundo, proferido pelos capitães de equipa ou «leaders» de avançados quando pensam que o árbitro deixou passar em claro mais uma infracção do adversário. Contudo, o mais provável é que o árbitro esteja a aplicar a Lei da Vantagem.

A Lei 8 é uma das mais curtas do Livro das Leis — apenas oito linhas — e com notas ocupando meia página. Ela é, no entanto, em minha opinião a mais importante das 28 Leis. É uma Lei positiva indicando ao árbitro que deve permitir a continuação do jogo, guardando o apito no bolso, se a equipa que não cometeu a infracção disso adquire vantagem.

A capacidade para aplicar esta Lei faz da arbitragem uma arte. Constitui um dos principais factores de apreciação de um árbitro quando é observado por juizes a qualquer nível. A sua aplicação sensata ajudará o andamento do jogo e, assim, aumentará o prazer dele decorrente.

Apresento, a seguir as minhas opiniões pessoais no que se refere à aplicação da Lei da Vantagem enquanto árbitro.

**A (Ask yourself)** — Pergunta a ti próprio: «preferiria o capitão da equipa não infractora que o jogo fosse interrompido?». Esta questão é baseada no conceito original de vantagem (antes de 1892 o capitão da equipa não infractora podia apelar para a interrupção do jogo). Se a resposta é sim, apita: se é não, deixa seguir o jogo.

**D (Delay)** — Demora — pensa rapidamente, avalia a situação mas não apites imediatamente, a menos que haja jogo perigoso. Verifica quando é que há possibilidade de vantagem. Ignora gritos da assistência que viu a infracção evidente. Tendo o apito preso a um cordão enrolado no pulso e longe da boca, haverá um inevitável intervalo antes de ser usado, permitindo, assim, um mínimo, de tempo para o juízo da situação.

**V (Voice)** — Voz — Comunica com os jogadores dizendo-lhes que estás a aplicar a vantagem. Isto é o mais importante quando a infracção for cometida por um elemento das linhas atrasadas e os avançados ainda estão envolvidos numa formação ordenada. Diz, calmamente, de forma a que todos os jogadores nas imediações possam ouvir, por exemplo «centro Vermelho fora de jogo, aplicação da vantagem». Evita gritos histéricos que possam prejudicar a imagem do árbitro. Boa

comunicação com os jogadores é fundamental para que estes tenham confiança no árbitro. Isto também pode ser conseguido por:

**A (Action)** — Acção — Inicialmente aponta o jogador infractor, depois mantém o braço esticado na direcção do lado da equipa a ser beneficiada com a vantagem. Se esta não se concretiza, é fácil levantar o braço para indicar um pontapé de penalidade ou pontapé de livre, ou então baixá-lo para uma formação ordenada. Os sinais constituem um importante instrumento de comunicação para benefício de jogadores, assistência aos órgãos de informação e até mesmo para os avaliadores de árbitros (1).

**N (Near)** — Perto — Mantém-te sempre perto da bola enquanto a vantagem é jogada. O conceito original era deixar-se ficar no local da falta. Com vista à avaliação da qualidade de uma bola saída de um «ruck» ou de um «maul», deve permitir-se a continuação do jogo. Contudo estas são áreas de conflito e o árbitro deve manter-se perto para manter o controlo da situação. Fixa sempre a zona da primeira infracção.

**T (Touch-Judge)** — Fiscal de linha — Na «touche» assegura-te que o fiscal de linha se mantém na sua posição na linha lateral quando o jogo se desenrola. Isto ajudará a localizar a exacta posição para qualquer «melée» ou penalidade se não houver vantagens após uma infracção na «touche». Muitos fiscais de linha têm tendência para se movimentar logo que a bola é lançada. Eu, pessoalmente, peço-lhes para se manterem na posição até a bola atingir o primeiro centro ou, pelo menos, ter percorrido dez metros.

**A (After)** — Depois — Na interrupção seguinte, caso a Lei da Vantagem tenha sido aplicada, deve informar-se sempre o infractor. Tal poderá evitar que ele volte a cometer uma falta que possa levar a uma penalidade. E para evitar uma possível retaliação informar o opositor directo do jogador que cometeu a infracção. Por exemplo, numa «touche» se um avançado Azul empurrou o adversário mas os Vermelhos conseguiram a posse da bola em boas condições, o árbitro deverá aplicar a Lei da Vantagem. Na «touche» seguinte se tal não for indicado ao avançado Vermelho, ele pode imprudentemente retaliar sobre o Azul, pensando que o árbitro não viu a primeira infracção. Depois de uma falta, quando a vantagem foi aplicada, o árbitro deve sempre dizer, quando a assinalar: «toque para diante Azul, não houve vantagem»; «melée» com introdução dos Vermelhos. Isto assegura que os jogadores compreendam que a Lei da Vantagem foi aplicada.

**G (Goal)** — Ensaio transformado — Um ensaio transformado vale seis pontos. Um ensaio vale quatro pontos. Obviamente isto é mais que os três pontos correspondentes a um pontapé de penalidade. Portanto deve-se



António Santos

# arbitragem • arbitragem • arbitragem

aplicar a Lei da Vantagem para se dar a possibilidade à equipa não infractora de obter um ensaio e marcar, assim, mais pontos.

**E (Experience)** — A capacidade para aplicar correctamente a Lei da Vantagem vem com a experiência. O conhecimento e o sentir do jogo ajudam o árbitro a avaliar se uma equipa preferia que a falta fosse assinada, p. ex., equipa na situação defensiva ou segurando a bola na «melée».

**L (Length)** — Espaço — Nas Leis do Jogo não há nada estabelecido sobre o espaço de tempo, ou número de passes que devem ser executados antes que se possa dizer que não houve vantagem. Isso varia com as características do jogo, as condições do terreno e as reacções dos jogadores. Esse tempo não deve ser muito longo pois isso pode causar:

**A (Annoyance)** — Aborrecimento — os jogadores gostam que a Lei da Vantagem seja aplicada. No entanto se o árbitro demorar muito no seu julgamento e os jogadores tiverem de voltar atrás longas distâncias até ao ponto da falta inicial, ficam aborrecidos e um sentimento de frustração vai-se desenvolvendo. Então a relação árbitro-jogador degrada-se. Comunicação e simpatia para com os jogadores são essenciais na aplicação da Lei da Vantagem. Nunca aplicar a vantagem com uma tal extensão que os jogadores fiquem confusos, pois daí só resultará frustração e aborrecimento.

**W (Whole)** — Conjunto — Embora aplicar a Lei da Vantagem seja importante tal como é só uma parte do jogo, que no seu conjunto é bem mais importante. Se uma partida teve já incidentes e acções violentas não se deve aplicar a Lei da Vantagem em situações em que isso possa conduzir a mais problemas, p. ex., obstruções, foras de jogo em «rucks» e



José Maurício

O Técnico sentiu algumas dificuldades frente ao CDUP 6-3 na jornada inaugural do campeonato. Na foto, Carlos prepara a placagem, impedindo o seu adversário de prosseguir a corrida.

«maul» ou jogo violento. O bom relacionamento dos jogadores é mais importante. «Nunca deixar que a Lei da Vantagem se sobreponha ao controlo do jogo» — são palavras de Jack Taylor, o bem conhecido árbitro britânico de futebol, que dirigiu a final do Campeonato do Mundo de 1974. Ele afirmou isso na TV, depois de ter visto o jogo Argentina-Hungria do «mundial» de 1978, jogo em que se marcaram 48 pontapés de castigo. Em várias ocasiões o árbitro (2) jogou a vantagem depois de faltas e o jogo deteriorou-se.

Concluindo penso que não há comentário mais apropriado sobre a vantagem do que as

palavras escritas por Derek Robinson no seu livro «Rugby, Success Starts Here», pág. 148: «A Lei da Vantagem é uma excelente ideia. Ela faz do jogo um prazer e da arbitragem uma arte. É maravilhosamente simples. Se na dúvida deixe jogar! Ela é o óleo que lubrifica as engrenagens do jogo». — P.H.

- (1) «Adjudicators» em inglês. São os indivíduos que avaliam e classificam o trabalho dos árbitros em Inglaterra, definindo em que grupos são integrados.
- (2) O árbitro em questão foi o português António Garrido.



José Maurício

O jogador do CDUP, no chão e agarrado por um adversário, parece estar a cometer falta.

  
**octogono**

**MOBILIÁRIO  
COZINHAS**

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927

# Wallabies começaram mal mas estão a subir

As primeiras actuações da selecção da Austrália nas Ilhas Británicas foram pouco mais que decepcionantes. Nos quatro primeiros jogos, com efeito, sofreu duas derrotas, empatou uma vez e somente alcançou um triunfo, sobre a equipa da Universidade de Oxford.

No jogo de abertura, em Leicester, contra a selecção dos Midlands, o bloco de avançados australiano mostrou deficiências em todos os capítulos e não conseguiu obter o número suficientes de bolas que permitissem às suas linhas atrasadas atacar com êxito. Para que a derrota não atingisse números mais expressivos valeu aos Wallabies a excelente capacidade defensiva demonstrada.

Aliás, este aspecto tem sido sempre um ponto saliente das suas actuações, o que transparece do facto de em sete jogos apenas terem sofrido cinco ensaios.

Nos encontros seguintes as deficiências ao nível da conquista de bolas pelos avançados mantiveram-se, se bem que se tenham notado algumas melhoras, nas «me-lées» e nos «maul» e «ruck». Também não ajudou nada o facto de os australianos terem que fazer alinhar nas primeiras quatro partidas o segundo médio-de-formação, o jovem Tony Parker, uma vez que John Hipwell não pôde alinhar por lesão.

No quinto jogo da digressão, frente a Gales B, a presença do veterano Hipwell deu muito maior segurança à equipa. Notou-se maior controlo de jogo, tendo o formação sabido concentrá-lo no lado fechado para, a partir dos «maul» e «rucks»



Foto-Rugby

*John Hipweel, o veterano formação da Austrália, magoado, não alinhou nos primeiros jogos da digressão. Mas, mal regressou, a equipa melhorou substancialmente.*

dai resultantes, lançar as suas linhas atrasadas, dispondo estas de maior espaço de manobra. Apesar da melhoria registada, valeu uma vez mais aos Wallabies a sua excelente defesa para manter intacta a sua área, especialmente no último quarto de hora, quando os galeses pressionaram.

Nas duas partidas seguintes, frente ao Pontypool e à selecção de Londres, os australianos pareciam já outra equipa. Os

avançados melhoraram nitidamente e apenas na «touche» as coisas não lhes correram tão bem. Especialmente contra o Pontypool, que dispõe da melhor avançada de

## Uma derrota a abrir

Nos jogos até agora disputados verificaram-se os resultados seguintes: Midlands, 16 - Austrália, 10; Oxford, 12 - Austrália, 19; North, 6 - Austrália, 6; Bridgend, 12 - Austrália, 9; Gales B, 9 - Austrália, 10; Pontypool, 6 - Austrália, 37; Selecção de Londres, 14 - Austrália, 25.

Até final da digressão ainda faltam 17 partidas, das quais se destacam os «test-match» — Irlanda (21 Novembro), Gales (5 de Dezembro), Escócia (19 Dezembro) e Inglaterra (2 de Janeiro) — bem como o jogo de encerramento, no dia 9 de Janeiro, em Cardiff, frente aos Barbarians.



Foto-Rugby

*Mark Ella, o mais falado dos actuais Wallabies ainda não se viu nesta digressão*

clube em Gales (ali pontificam Graham Price e Jeff Squire), o «pack» da Austrália teve um teste difícil que conseguiu superar.

Com a subida dos avançados, a presença preponderante de Hipwell, as linhas atrasadas Wallabies, mostrando finalmente a sua rapidez de pernas e de execução, conseguiram desenvolver jogadas brilhantes de ataque coroadas, algumas delas, com ensaios espectaculares.

Normalmente, uma equipa em digressão longa (como é esta) precisa de meia dúzia de jogos para se consolidar e estabelecer

um sistema básico de jogo. Os dois últimos encontros parecem indicar que essa fase foi ultrapassada. Há que acrescentar ainda que os primeiros quatro jogos foram disputados em terrenos molhados (e em dois deles bém pesados), ao passo que as últimas três partidas se jogaram sobre campos secos, condições que favorecem o tipo de jogo dos Wallabies, que têm na velocidade de execução das suas linhas atrasadas o seu ponto forte.

O pilar Tony d'Arcy e o ponta Brendan

Moon foram os jogadores que até agora mais se salientaram, enquanto os irmãos Ella ainda não justificaram a fama que os acompanha.

Com a aproximação dos jogos-teste (o primeiro com a Irlanda, dia 21 de Novembro), os australianos irão consolidar a sua equipa principal e definir qual ela é. A escolha será difícil, principalmente para o lugar de abertura: irão optar por McLean, um jogador de tipo clássico, que usa bastante o pé, ou pelo jovem e impulsivo Mark Ella?

Mas deixar Paul McLean de fora não é provável, pois tem sido o único chutador certo da equipa, já que quer Mark Ella, Glin Ella e Roger Gould se têm revelado bastante incertos nesse capítulo, cada vez mais importante.

Se a melhoria constatada nos últimos jogos se mantiver iremos certamente ter, até final da digressão, alguns bons jogos.

PSR

## Notas à margem

JOHN HIPWELL, com 33 anos, não sendo na equipa da Austrália o jogador mais velho, é aquele que tem maior número de internacionalizações (33) e o único de todos os países do Mundo que até agora participou em três digressões: esteve nas Ilhas Britânicas incluído nas equipas da Austrália que aí se deslocaram em 66/67, 1973 e 75/76. Nesta última foi mesmo capitão de equipa.

O DIA EM QUE PORTUGAL DEFRONTOU OS WALLABIES — Segundo o jornal londrino «The Guardian», Portugal foi derrotado pelos Wallabies por 6-37. Se tal jogo se tivesse disputado teria sido um excelente resultado, mas, porém, tratou-se, simplesmente, de uma «gralha»: no quadro de resultados, onde deveria ter aparecido Pontypool foi impresso Portugal...

shire 12 (at Swindon)		SOUTH GROUP						
		P	W	D	L	F	A	Pts
Dorset	WHITS	3	2	1	0	58	22	5
Bucks		3	2	0	1	45	28	4
Berkshire		3	1	0	2	27	48	2
Oxfordshire		3	0	1	2	32	44	1

TOUR MATCH—Portugal 6, Wallabies 37  
TOUR MATCH (Grenoble)—Regional XV 17, All Blacks 16  
CLUB MATCHES: Bridgend 8, Pontypool 9, Glamorgan W 3, Glamorgan Inst. 4, Glyn-cester 24, S. Wales Police 4, Llanelli 38.

AINDA O RELATÓRIO BURGESS  
O Subcomité de Competições da RFU elaborou um estudo, com base no Relatório Burgess, sobre a possível orgânica de um sistema de Ligas em Inglaterra (onde não se disputam campeonatos). Seriam três as Ligas, e «para baixo», constituir-se-iam grupos também de oito clubes, divididos geograficamente. Na proposta, a I Divisão ficaria constituída pelo Bristol, Gloucester, Gosforth, Leicester, Moseley, Orrel, Rosslyn Park, Wasps e Waterloo.

Neste momento aguardam-se os pareceres das «Constituents Bodies» da RFU, mas os principais clubes já se reuniram e, de novo, manifestaram a sua oposição à ideia, principalmente porque o sistema obrigaria à anulação de muitos jogos tradicionais, especialmente contra equipas galesas.

Desta forma, com os clubes contra, será difícil, a curto prazo, a implantação de campeonatos em Inglaterra.

## All Blacks venceram a Roménia

A Nova Zelândia bateu a Roménia, em Bucareste, por 14-6, no primeiro jogo que as duas seleções disputaram desde sempre.

Nesta histórica partida, os All Blacks sentiram muitas dificuldades, frente a um «quinze» romeno que, uma vez mais, mostrou poder ombrear com os «grandes» tradicionais do rugby.

Antes, os neozelandeses haviam defrontado e batido a seleção do sul da Roménia por 25-9.

Daquele país, os All Blacks passaram para França, onde estão a efectuar uma curta digressão. E, diga-se desde já, as suas actuações não têm sido brilhantes, aguardando-se com certa expectativa os dois «Test-Match» previstos (14 de Novembro, em Toulouse, e 21, em Paris).

Inclusivamente, a Nova Zelândia perdeu frente à seleção do Sudeste, por 18-16.



O neozelandês Reid em acção, frente aos «Barbarians» franceses.

Nas restantes partidas disputadas os resultados obtidos têm sido equilibrados: Seleção do Norte, 13 - All Blacks, 15; Auvergne, 10 - All Blacks, 16; Barbarians Franceses (que incluíram Andy Irvine e Fergus Slattey), 18 - All Blacks, 28; e Seleção do Sudoeste, 6 - All Blacks, 6.

## Oxford - Cambridge «comemora» 100 anos

No dia 8 de Dezembro, Twickenham será palco do centésimo encontro entre equipas



Eleito pelo «Rugby-World» jogador do ano em 1981, Huw Davies é o abertura de Cambridge.

representativas das universidades de Oxford e Cambridge.

Para lá da comemoração dos 100 anos de um dos mais «clássicos» jogos do rugby inglês, esta partida tem a rodeá-la um interesse suplementar. Na realidade nos 99 encontros disputados desde 1871/72 (no período de 14 a 18 não se realizaram e de 39 a 45, embora as duas escolas se tenham defrontado a duas «mãos», tais resultados não foram considerados como «oficiais») cada uma das universidades conta 43 vitórias, a que há que juntar 13 empates.

Assim, no centenário, uma delas poderá fazer pender a seu favor uma «balança» prestigiosa, o que provoca que enorme interesse rodeie a partida. Twickenham encherá certamente para o «University Match». Assinale-se que, por exemplo no ano passado o jogo, ganho por Cambridge, por 13 - 9, foi presenciado por 33 mil espectadores.

Não é muito vulgar um jogador de rugby — ao mais alto nível — sobressair também noutra modalidade. Alastair Hignell, Peter Squires e um pouco mais atrás nos anos, M.J.K. Smith revelaram-se tão bons no cricquet como no rugby. Para J.P.R. Williams, o grande defesa de Gales, foi o rugby, e o ténis — acrescente-se, a propósito, que John Williams foi campeão de juniores em Wimbledon. J.R.C. Young e Andy Ripley, por seu turno, evidenciaram-se também no atletismo.

Mas o que é muito mais invulgar, pode mesmo dizer-se espantoso, é surgir um atleta, principalmente nas Ilhas Britânicas, no «top» de dois desportos dos chamados de Inverno, isto é, no rugby e no futebol. Tony Ward, o excelente médio de abertura da selecção da Irlanda é o primeiro desde os anos 40 a conseguir tal feito.

Na realidade, Ward, no mês passado actuou como avançado do Limerick, uma das equipas mais cotadas do futebol Irlandês, nas duas «mãos» da primeira eliminatória da Taça da UEFA, frente ao Southampton, de Kevin Keegan, que, registre-se viria, depois, a ser afastado da prova pelo Sporting Clube de Portugal.

A julgar pelos comentários à actuação do jogador nessas partidas, (Keegan disse mesmo que se Ward tivesse enveredado pelo futebol seria agora um homem bastante rico) Ward pode estar na calha para se tornar o primeiro «duplo internacional» irlandês, desde que o defesa Kevin Flanagan conseguiu tal feito em 46/47 — assim como se poderá tornar no primeiro atleta a representar o seu país no estrangeiro nas duas modalidades, na mesma época.

Apesar das suas «performances» futebolísticas, Tony Ward continua a jogar rugby,



## Tony Ward: rugby e futebol ao mais alto nível



O irlandês Tony Ward poderá vir a tornar-se, em breve, também «internacional» pelo futebol. Ei-lo, representando o seu clube, o Limerick, por quem jogou, recentemente na Taça UEFA.

talvez mais do que nunca, e já declarou que sempre que tiver de optar entre uma e outra modalidade o futebol será o prejudicado.

Começou, futebolisticamente falando, por dar nas vistas defendendo as cores do Shamrock Rovers, na Liga irlandesa, e o seu «maneger» Johnny Giles tentou bastantes vezes que ele enveredasse pelo futebol profissionalmente. Mas o rugby era, e é, o seu «grande amor» e não o fez.

Ward, com 27 anos, conta 12 internacionalizações pelo «quinze» da Irlanda, tendo, na época passada recuperado o seu lugar de médio de abertura na selecção, lugar que havia perdido para Ollie Campbell, no ano anterior. Foi chamado pa-

ra os três últimos jogos do «Cinco Nações» de 81, tendo Campbell passado para centro.

No torneio de 1978 e no ano de 79, Ward marcou 71 pontos. Depois da digressão dos Lions à África do Sul, em 1980 — obteve 18 pontos no primeiro Test match — o jogador decidiu que não voltaria àquele país e daí ter-se declarado indisponível para a digressão da Irlanda, no último Verão.

Registe-se que para lá do sucesso na sua vida como atleta Ward possui um florescente loja de artigos desportivos em Limerick e, recentemente, abriu um ginásio.

(Adaptação do «Rugby-Post»)

## Irvine estabeleceu novo «record»

O defesa escocês Andy Irvine estabeleceu um novo «record» mundial ao obter no recente Escócia - Roménia os 12 pontos da sua equipa. Com efeito, Irvine, ao serviço da selecção escocesa, já marcou, desde 16 de Dezembro de 1972 — dia da sua estreia frente aos All Blacks — nada mais nada menos do que 217 pontos. O anterior máximo, pertença do neozelandês Don Clarke, era de 207.

Assinale-se, entretanto, que Andy Irvine já detinha o máximo mundial desde a temporada passada, se se considerarem, para lá dos pontos obtidos em representação do seu país, aqueles que marcou também pelos British Lions (28).

De referir também, como curiosidade, que o jogador, sempre que actuou a ponta pela Escócia (e isso aconteceu, nestes nove anos, quatro vezes) não obteve qualquer pontão. E, por outro lado, que foi no Escócia - França de 1980 (22-14) que Irvine obteve o maior número de pontos. Foram 16, correspondentes a dois ensaios, dois pontapés de penalidade e uma transformação. No ano anterior, também para o Torneio das Cinco Nações, havia marcado, em Edimburgo, 13 pontos ao País de Gales (13-19), provenientes de um ensaio e três pontapés.



## Polónia perdeu em Marrocos para o Grupo B do Torneio FIRA

O Marrocos bateu a Polónia, por 6-3, em partida referente ao Grupo B do Campeonato da FIRA, em que participa também Portugal.

Antes, no primeiro jogo do torneio, os polacos haviam ganho à Holanda, em Hilversum, por 19-9. A data de fecho desta edição de «R-R», já se disputou, também, o encontro Tunísia-Polónia. No entanto, não nos foi possível conseguir, em tempo, o respectivo

resultado, que contamos incluir no nosso próximo número.

O próximo jogo do Grupo é o Holanda-Marrocos que se realizará no dia 6 de Dezembro.

Refira-se, ainda, que no calendário que publicamos no n.º 9, por salto tipográfico, não figura o jogo Marrocos-Tunísia, que se disputará no dia 6 de Fevereiro.

## França bateu romenos

A França bateu a Roménia por 17-9 no mais importante jogo do Grupo A do Torneio da FIRA, disputado em Narbonne.

Com este triunfo — a destorça dos 15-0 sofridos há um ano em Bucareste — a formação «tricolor» devere ter assegurado, logo no início, o triunfo no Grupo. Na realidade, só muito dificilmente qualquer das outras equipas (Itália, URSS e RFA) poderá travar o caminho a mais uma vitória francesa no torneio.

**RUGBY**  
REVISTA

# assine

**RUGBY**  
REVISTA

Desejo assinar RUGBY — REVISTA por 10 números, a partir do n.º ..... inclusive, pelo que envio a quantia de 450\$00 em cheque/Vale Postal n.º .....

NOME .....

MORADA .....



receba  
em casa

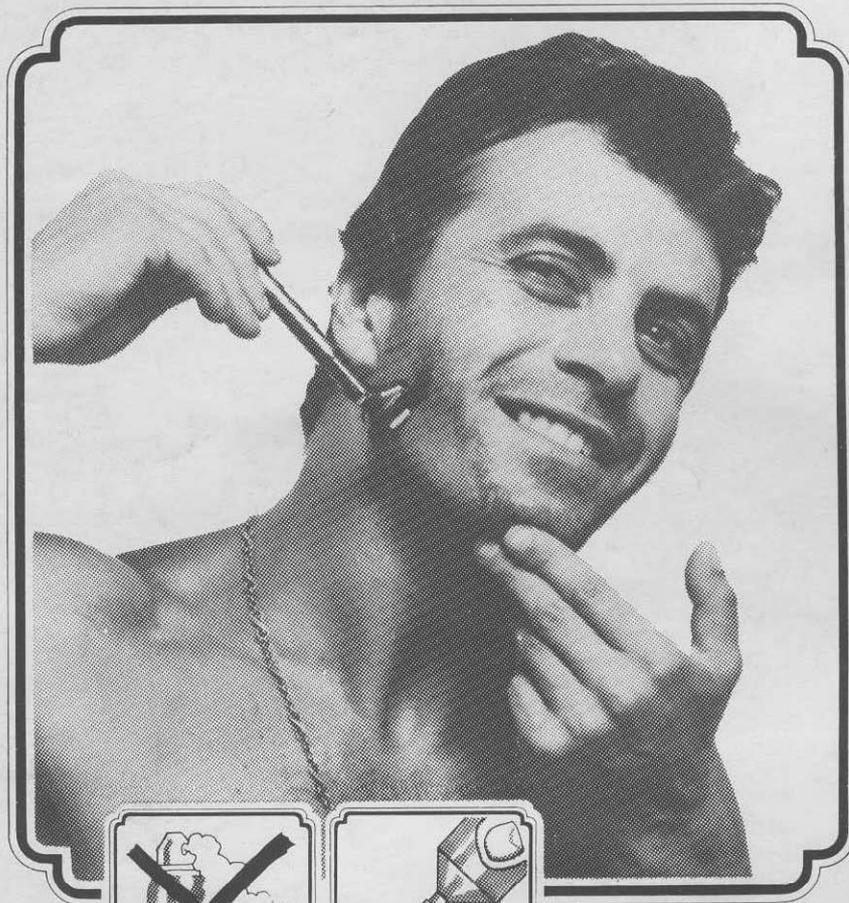
**RUGBY**  
REVISTA

sem mais  
incómodos

# assine

**RUGBY**  
REVISTA

# uma revolução na arte de bem barbear!



## **Logan**

não é um creme.  
Não é uma espuma.  
Não é um sabão.

**Logan** é um conceito inteiramente novo, que já revolucionou no mundo a arte de bem barbear. Basta colocar uma gota de **Logan** na lâmina de barbear, para obter uma barba perfeita, rápida e eficazmente. A nova gota de barbear **Logan**, com uma fórmula mágica, é surpreendente e vai barbear muita gente...  
RÁPIDO, PRÁTICO, EFICAZ.

# **Logan**

uma gota, uma barba

